UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN

Clayton da Cunha Oliveira

A Precarização do Trabalho Docente no Ensino de Idiomas: plataformização, uberização e autonomia no mercado digital

Belo Horizonte-MG

2025

Clayton da Cunha Oliveira

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO DE IDIOMAS:
plataformização, uberização e autonomia no mercado digital

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza.

Belo Horizonte-MG

2025

Oliveira, Clayton da Cunha.
O48p A precarização do trabalho docente no ensino de idiomas [manuscrito] : plataformização, uberização e autonomia no mercado digital / Clayton da Cunha Oliveira. – 2025.
1 recurso online (64 f.) : pdf.

Orientador: Ricardo Augusto de Souza.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Plurilinguismo, Políticas Linguísticas e Educação Bilíngue.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 59-62.

Apêndices: f. 63.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Professores de línguas – Condições sociais – Teses. 2. Professores de línguas – Satisfação no trabalho – Teses. 3. Economia compartilhada – Teses. I. Souza, Ricardo Augusto de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 371.12

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Israel José da Silva – CRB/6-2128
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Precarização do Trabalho Docente no Ensino de Idiomas: plataformização, uberização e autonomia no mercado digital

CLAYTON DA CUNHA OLIVEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Plurilinguismo, Políticas Linguísticas e Educação Bilíngue.

Aprovada em 18 de junho de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ricardo Augusto de Souza - Orientador

UFMG

Prof(a). Vicente Aguimar Parreiras

CEFET-MG

Prof(a). Valdeni da Silva Reis

UFMG

Belo Horizonte, 18 de junho de 2025.

Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto de Souza**, **Professor do Magistério Superior**, em 12/08/2025, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Vicente Aguimar Parreiras**, **Usuário Externo**, em 13/08/2025, às 00:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Valdeni da Silva Reis**, **Professora do Magistério Superior**, em 01/09/2025, às 22:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4307768** e o código CRC **4133D869**.

"Certamente, nossa compreensão da natureza do homem ou da gama de formas sociais viáveis é tão rudimentar que qualquer doutrina de amplo alcance deve ser tratada com grande ceticismo, assim como o ceticismo é oportuno quando ouvimos que a "natureza humana", ou "as exigências da eficiência", ou "a complexidade da vida moderna", exige tal ou qual forma de opressão e de dominação autocrática."

(Chomsky, 2008, pág. 432)[1]

[1] Chomsky, Noam. Razões de Estado. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2008.

RESUMO

Esta dissertação investiga a precarização do trabalho docente no ensino de idiomas, analisando os impactos da plataformização e uberização no contexto da economia digital. Com base em uma abordagem qualitativa, incluindo entrevistas com professores atuantes em plataformas online, o estudo revela como as transformações neoliberais do capitalismo reconfiguram as relações laborais, substituindo vínculos formais por trabalho intermitente, controlado por algoritmos e marcado pela autoexploração. Os resultados demonstram que a suposta flexibilidade das plataformas mascara a intensificação da jornada, a perda de autonomia pedagógica e a mercantilização do ensino, reduzindo professores a "produtos" avaliados por métricas de desempenho. A pesquisa também evidencia disparidades globais, em que profissionais de países periféricos enfrentam salários aviltantes devido à concorrência internacional. Apesar desse cenário, os docentes desenvolvem estratégias de resistência, desde o empreendedorismo individual até a formação de redes de apoio. Contudo, a análise crítica aponta que tais medidas são insuficientes sem regulamentação trabalhista e ações coletivas. Posicionando-se como pesquisador e professor plataformizado, o autor defende que a superação da precarização exige não apenas denúncia acadêmica, mas engajamento político.

Palavras-chave: Precarização docente; Uberização; Plataformização; Trabalho digital; Ensino de idiomas; Neoliberalismo; Decolonialidade.

ABSTRACT

This dissertation examines the precarization of teaching labor in language education, analyzing the impacts of platformization and uberization within the digital economy. Using a qualitative approach, including interviews with instructors working on online platforms, the study reveals how neoliberal capitalist transformations reshape labor relations, replacing formal contracts with algorithmically controlled, intermittent work marked by self-exploitation. Findings demonstrate that the purported flexibility of platforms conceals intensified workloads, loss of pedagogical autonomy, and the commodification of education, reducing teachers to "products" evaluated through performance metrics. The research also highlights global disparities, with educators from peripheral nations facing exploitative wages due to international competition. Despite this scenario, teachers develop resistance strategies ranging from individual entrepreneurship to solidarity networks. However, critical analysis indicates these measures remain insufficient without labor regulations and collective action. Positioning himself as both researcher and platform-based instructor, the author argues that overcoming precarity requires not just academic critique but political engagement.

Keywords: Teacher precarity; Uberization; Platformization; Digital labor; Language teaching; Neoliberalism; Decoloniality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9
1.1 Contextualização do tema 9
1.2 Problematização 11
1.3 Justificativa da pesquisa 12
1.4 Objetivos 14
1.4.1 Objetivo geral 14
1.4.2 Objetivos específicos 14
1.5 Organização da Dissertação 15
2. REFERENCIAL TEÓRICO 15
2.1 Plataformização, Uberização e o Precariado 16
2.2 Capitalismo, Neoliberalismo e a Transformação do Trabalho 18
2.3 A Quarta Revolução Industrial e a Economia Digital 19
2.4 Neoliberalismo e Linguística Aplicada 20
2.5 O Contexto da Colonialidade no Ensino de Idiomas 21
3. METODOLOGIA 23
3.1 Tipo de Pesquisa 23
3.2 Participantes 24
3.3 Instrumentos de Coleta de Dados 27
3.4 Procedimentos de Coleta de Dados 28
3.5 Procedimentos de Análise de Dados 29
3.5.1 Descrição das Categorias de Análise Utilizadas: 30
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 32
4.1 Apresentação dos dados das entrevistas 32
Categoria 1. Precarização do Trabalho Docente 32
Subcategoria 1.1: Uberização e Plataformização 32
Subcategoria 1.2: Flexibilização e Precariedade 35
Subcategoria 1.3: Autonomia e Controle 39
Categoria 2. Relações de Trabalho e Mercado 41
Subcategoria 2.1: Concorrência e Individualismo 41
Subcategoria 2.2: Mercantilização do Trabalho 44
Subcategoria 2.3: Mercado Global e Local 46
Categoria 3. Estratégias e Perspectivas 48
Subcategoria 3.1: Adaptação e Resistência 49
Subcategoria 3.2: Futuro da Profissão 51
Subcategoria 3.3: Desenvolvimento Profissional 53
4.2 Discussão dos resultados à luz do referencial teórico 55
5. CONCLUSÃO 57
Limitações dos resultados pesquisa e implicações para futuras pesquisas 58
REFERÊNCIAS 60
APÊNDICE 01 - O roteiro completo da entrevista: 64

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

Esta pesquisa se propõe a investigar como a evolução do capitalismo tardio influencia os rumos do mercado de trabalho para professores de idiomas. O pressuposto deste estudo é que professores, e em particular professores de idiomas, enquanto profissionais e trabalhadores, são afetados pelas recentes evoluções tecnológicas. As constantes inovações tecnológicas na área de Tecnologia da Informação em curso na humanidade atualmente têm um ritmo sem precedentes. A expansão do acesso à internet, o uso plenamente difundido de computadores e aparelhos *smartphone* fizeram modificar a forma de se fazerem as atividades cotidianas quando comparadas com apenas duas ou três décadas atrás.

Nesse cenário, a presente dissertação busca investigar como professores de idiomas enfrentam os desafios causados pelo fenômeno do surgimento das plataformas digitais de ensino de idiomas, como eles lidam com as oportunidades que se apresentam, quais são as suas estratégias de resistência às mudanças no mercado profissional e quais suas perspectivas para o futuro. A profissão de docente de idiomas está inserida em um contexto marcado por uma demanda variada e em constante evolução do ponto de vista social, econômico e tecnológico. Para compreender melhor a atuação docente, é necessário entender como as mudanças no mercado profissional e nas condições de trabalho influenciam as práticas pedagógicas e as perspectivas de carreira dos profissionais da área.

As relações sociais de trabalho são uma das atividades cotidianas mais impactadas pela revolução tecnológica em curso. Muitos trabalhadores passaram a utilizar (e até a depender exclusivamente) das plataformas digitais, como websites e aplicativos de telefone, para realizarem suas atividades laborais diárias. Outro setor da sociedade que não escapa da influência da inovação tecnológica é a educação. O ensino enquanto prática pedagógica precisou se reinventar para estar em sintonia com as transformações tecnológicas, e os profissionais da educação são constantemente pressionados a se adaptar para se manter atualizados em um mundo mais digital e globalizado. Esse imperativo à adaptação dos profissionais da educação foi especialmente percebido quando foi catalisado pela emergência global de covid-19.

O trabalho em *home office*, ou teletrabalho, como investigado aqui é uma condição emergente que se consolidou a partir de respostas à pandemia global de covid-19, um fenômeno histórico

muito recente. Como professor de inglês atuante em plataformas digitais de ensino, vivenciei em primeira mão as transformações analisadas nesta pesquisa, não apenas como observador, mas como parte integrante do fenômeno estudado. A pandemia de covid-19, que consolidou globalmente o trabalho remoto e o ensino a distância em *home office*, não foi um contexto externo, mas uma realidade cotidiana que redefiniu minha prática docente, meu sustento e minha percepção sobre as vantagens do trabalho digital plataformizado. Assumo aqui um posicionamento crítico e engajado, rejeitando a ilusão de neutralidade científica que por muito tempo dominou a academia. Entendo que a minha experiência concreta não enfraquece a análise, mas a aprofunda: ao reconhecer-me como um sujeito que é fruto dos tempos e da minha vivência, atravessado pelas contradições do capitalismo digital, acredito que a pesquisa acadêmica rigorosa só atinge sua plenitude verdadeiramente quando assume seu lugar de fala e suas fissuras. Este estudo é, portanto, um exercício de reflexividade, um diálogo entre a teoria que me ajuda a decifrar o mundo, e a prática laboral real de ensino remoto de línguas.

É nessa interseção entre o trabalho, tecnologia e a educação que este trabalho busca se aprofundar. Esta pesquisa almeja entender como professores, enquanto profissionais e trabalhadores da educação, estão lidando com as transformações sociais descritas acima. Embora o uso de plataformas virtuais e outras inovações tecnológicas tenham impacto sobre a educação como um todo, o impacto das plataformas digitais de ensino tem especial relevância no ensino de idiomas, com destaque para o ensino de inglês como língua estrangeira. Demandas de mercado pressionam instituições e profissionais a se adaptar para permanecer relevantes em um ambiente extremamente competitivo e em constante transformação.

A tese central deste trabalho se baseia no pressuposto que o impacto da tecnologia através do processo de *uberização*[2] do trabalho cria oportunidades e desafios para diversas categorias de trabalhadores, entre eles os professores de idiomas. Por ‘uberização do trabalho’ deve-se entender o conceito definido adiante no segundo capítulo deste trabalho que faz referência a como o modelo de negócios da empresa-aplicativo Uber influenciou as mudanças nas relações trabalhistas. Ainda que este fenômeno de fragilização das relações trabalhistas não tenha surgido exclusivamente a partir da empresa Uber, foi ela que popularizou o modelo que em seguida foi adotado por outras plataformas digitais de intermediação do trabalho.

O trabalho mediado por plataformas digitais faz surgir uma nova categoria de trabalhador: o trabalhador digital. É o argumento defendido aqui que professores, com destaque para aqueles

[2] Relações de trabalho e emprego fluídas e com pouco vínculo formal, nas quais o trabalhador, denominado como ‘parceiro’, não se reconhece como funcionário da empresa na qual atua (Abílio, 2020; Antunes 2020).

que ensinam idiomas mas não somente eles, que se utilizam dessas plataformas digitais, sejam aplicativos ou websites, para exercer a profissão e obter renda são parte dessa categoria de trabalhadores digitais.

No contexto do ensino de idiomas, plataformas digitais que conectam professores e alunos de idiomas podem promover a uberização do ensino[3] como parte do seu modelo de negócios. Essas plataformas oferecem um espaço digital para o comércio de serviços educacionais, que podem incluir aulas individuais ou cursos de idiomas gravados. Entre as vantagens atribuídas a este modelo de negócio, são frequentemente citadas a flexibilidade e conveniência para ambos professores e alunos. Por quebrar as limitações geográficas e não haver a necessidade de deslocamento físico, esta forma de trabalho ficou especialmente popular e atrativa durante a pandemia de covid-19.

Entretanto, o uso crescente dessas plataformas também enseja uma série de novos desafios para os profissionais que atuam nelas. A mercantilização dos professores, a acentuada competição por oportunidades de trabalho, a pressão por produzir resultados rápidos e a instabilidade laboral criam um ambiente de trabalho precário. Dentro das plataformas de ensino, a remuneração é obtida por produção baseada em horas-aula: quanto maior o número de horas trabalhadas, maior a remuneração. A eventual diminuição da carga horária por qualquer motivo resulta na consequente diminuição da remuneração. E se o trabalhador não estiver em condições de atuar, por motivo de saúde ou outro motivo de força maior, a sua remuneração pode chegar a zero.

A falta de garantias e o aumento dos riscos relacionados à atuação profissional colocam os docentes em uma situação delicada. Se, por um lado, eles têm a possibilidade de aumentar sua renda e encontrar outras oportunidades de atuação fora de sua localidade geográfica, por outro lado, esses professores assumem riscos pessoais e financeiros, sem contarem com a existência de uma rede de proteção institucional caso seus planos não tenham os resultados desejados. Assim, ao alcançarem novas oportunidades de trabalho, os trabalhadores do ensino podem se encontrar de fato em uma posição de vulnerabilidade.

1.2 Problematização

As transformações promovidas pela economia digital e a expansão das plataformas de ensino de idiomas têm levantado questionamentos críticos sobre as condições de trabalho dos

[3] Caracterizado por encontros intermitentes ou pontuais, onde não há vínculos ou a criação de uma relação entre professores e educandos. O conceito está melhor elucidado no segundo capítulo deste trabalho.

docentes e os impactos desse modelo sobre sua autonomia profissional, segurança econômica e aspirações futuras. No contexto dessas plataformas, professores de idiomas atuam em um mercado desregulamentado e competitivo, onde algoritmos determinam a visibilidade de seus perfis, as avaliações de estudantes moldam suas oportunidades de trabalho, e as políticas das empresas são frequentemente alteradas sem consulta prévia. Tal dinâmica não apenas precariza as relações laborais, mas também desafia modelos tradicionais de trabalho docente (Braga, 2017; Antunes, 2020).

A flexibilização das leis trabalhistas, especialmente após a crise econômica global de 2008, agravou esse cenário ao introduzir formas mais precárias de contratação e reduzir a proteção dos trabalhadores. No Brasil, a reforma trabalhista de 2017 possibilitou a ampliação do trabalho intermitente, aproximando ainda mais a realidade dos professores de idiomas no país das condições enfrentadas por trabalhadores da economia gig em outros setores (Antunes, 2020).

Nesse contexto, surgem questões centrais que guiam esta pesquisa: **Como os professores de idiomas percebem e vivenciam a transição para a plataformização do trabalho? Quais são suas expectativas e estratégias em relação ao futuro da profissão? Eles preferem se vincular a instituições escolares tradicionais ou atuar de forma autônoma por meio de plataformas digitais?**

Explorar essas perguntas é essencial para compreender as dinâmicas do trabalho docente no ensino de idiomas no cenário contemporâneo, marcado pela desregulamentação, precarização e desigualdade. A análise dessas questões pode contribuir para o desenvolvimento de políticas educacionais e trabalhistas mais inclusivas, além de oferecer uma visão crítica sobre os impactos da plataformização nas relações de trabalho e no mercado educacional global.

1.3 Justificativa da pesquisa

A profissão de docente de idiomas é uma das áreas que tem sido impactada de forma significativa pelas transformações decorrentes da uberização do mercado de trabalho. Com a ascensão das plataformas digitais de ensino de idiomas, os docentes se veem diante de novos desafios e oportunidades, que afetam diretamente suas práticas pedagógicas, suas condições de trabalho e suas perspectivas de carreira. Diante desse cenário, torna-se fundamental investigar como os docentes de idiomas estão lidando com as transformações em curso no mercado de trabalho e quais são os impactos dessas mudanças em sua vida profissional.

A pesquisa proposta tem o potencial de contribuir para o avanço do conhecimento na área de educação ao fornecer uma compreensão mais aprofundada dos desafios e perspectivas enfrentados pelos docentes de idiomas diante da uberização do mercado de trabalho. Além de suas contribuições para o campo acadêmico e profissional, a pesquisa proposta também é relevante do ponto de vista social e econômico. A uberização do mercado de trabalho tem impactos significativos não apenas na vida dos trabalhadores, mas também na economia e sociedade como um todo.

Ao investigar os desafios e perspectivas enfrentados pelos docentes de idiomas diante desse fenômeno, a pesquisa se mostra em consonância com os desdobramentos da atualidade. No mês de março de 2024, o atual presidente do Brasil enviou ao Congresso Nacional o projeto de lei complementar número 12/2024 que dispõe sobre a regulamentação do trabalho por aplicativos de transporte de pessoas. O projeto de lei é resultado de meses de negociação, mas está longe de ser um consenso e causa divisão de opiniões. Este projeto de lei não contempla outras categorias de trabalhadores de plataforma, como entregadores de motocicletas por exemplo, mas representa dois importantes desdobramentos: primeiro fica demonstrado o reconhecimento oficial da existência de uma nova classe de trabalhadores que não é abrangida pelas leis existentes; e segundo, ele cria precedentes que podem influenciar futuras legislações que envolvam outras classes de trabalhadores.

A investigação das repercussões sobre a atuação do docente, em particular no ensino de idiomas online, enquanto trabalhador digital é relevante por incluir esses profissionais na expansão de uma nova classe trabalhadora denominada *precariado*. Esses são trabalhadores que têm características distintas do que normalmente se compreende como proletariado (Standing, 2014), conceito que será melhor definido adiante. Marx (2023) demonstrou como no sistema capitalista ocorre a luta de classes e a exploração da classe trabalhadora através da mais-valia. Esse sistema de exploração capitalista foi aprofundado com o passar das décadas, David Harvey (2014) analisa como, após a falha da adoção do Keynesianismo e do estado de bem-estar social, o sistema capitalista neoliberal se expandiu pelas economias mundiais no final do século XX aprofundando os sistema de exploração do trabalho através da privatização, da mercantilização e do enfraquecimento de sindicatos e das leis trabalhistas. Nessa toada, o fenômeno da uberização do trabalho é compreendido como uma nova forma de exploração do trabalhador pelo capital apoiado pela combinação do desenvolvimento de novas tecnologias e dos ideais neoliberais (Antunes, 2020).

Por fim, em face do exposto acima e diante da relevância e complexidade do tema proposto, fica evidente a necessidade de investigar o impacto desses desdobramentos de ordem político-econômica sobre a atuação dos professores de idiomas. Justifica-se a realização desta pesquisa como um esforço para compreender melhor as influências das dinâmicas do mercado de trabalho contemporâneo e suas implicações para a profissão de docente de idiomas.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Investigar os desafios e perspectivas enfrentados pelos docentes de idiomas diante do fenômeno da uberização do mercado de trabalho, com o objetivo de compreender as transformações em curso no mercado de trabalho e suas implicações para a profissão de docente de idiomas.

1.4.2 Objetivos específicos

1. Analisar o impacto da uberização do mercado de trabalho na profissão de docente de idiomas, identificando as principais características desse fenômeno e suas implicações para as condições de trabalho e as perspectivas de carreira dos profissionais da área.

2. Investigar as estratégias adotadas pelos docentes de idiomas para enfrentar os desafios da uberização do mercado de trabalho, analisando as formas de organização e resistência dos profissionais frente às transformações em curso no mercado de trabalho.

3. Avaliar as percepções e expectativas dos docentes de idiomas em relação às transformações em curso no mercado de trabalho, identificando as oportunidades e os desafios percebidos pelos profissionais e suas perspectivas em relação ao futuro da profissão.

4. Propor recomendações para o desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais adequadas às demandas do mercado de trabalho contemporâneo, visando promover condições de trabalho mais justas e dignas para os docentes de idiomas e promover a qualidade do ensino de idiomas em um mundo cada vez mais digitalizado e globalizado.

1.5 Organização da Dissertação

Este estudo está organizado em cinco capítulos, os quais se articulam para compreender a precarização do trabalho docente no ensino de idiomas no contexto da plataformização e uberização. O **primeiro capítulo**, de introdução, apresenta a contextualização do tema, a problematização, a justificativa e os objetivos da pesquisa, delineando o escopo e a relevância do estudo. O **segundo capítulo** dedica-se ao referencial teórico, abordando as transformações do trabalho no capitalismo neoliberal, os impactos da Quarta Revolução Industrial e da economia digital, os conceitos de precarização e uberização, além de discutir as intersecções entre neoliberalismo, linguística aplicada e colonialidade no ensino de idiomas. O **terceiro capítulo** detalha a metodologia empregada, descrevendo o tipo de pesquisa, os participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos analíticos adotados, com ênfase na abordagem qualitativa e na análise de conteúdo. O **quarto capítulo** apresenta e discute os resultados encontrados, articulando as percepções dos professores entrevistados com o quadro teórico estabelecido. Por fim, o **quinto capítulo** sintetiza as conclusões do estudo, retomando os objetivos iniciais, destacando as contribuições para o campo e apontando limitações e sugestões para pesquisas futuras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo explora os conceitos e pressupostos que guiam a interpretação dos dados encontrados na pesquisa a partir das entrevistas realizadas para compreender as transformações no trabalho docente no ensino de idiomas. É essencial analisar as bases teóricas que sustentam este estudo, o referencial teórico aqui apresentado explora os seguintes eixos centrais: as mudanças no capitalismo neoliberal, o impacto da Quarta Revolução Industrial, e os conceitos de precarização e uberização. Além disso, o estudo articula os dados encontrados com uma perspectiva decolonial. Essa articulação oferece a possibilidade de aprofundar a discussão incluindo um viés político e social para além de uma perspectiva puramente econômica. Esses fundamentos permitirão contextualizar as vozes dos professores entrevistados, articulando suas experiências com as dinâmicas estruturais do mundo contemporâneo.

2.1 Plataformização, Uberização e o Precariado

A seguir são definidos os conceitos e pressupostos fundamentais que sustentam os pilares de análise deste estudo. Esses três fenômenos distintos se interseccionam mutuamente cada um contribuindo para o aprofundamento e o fortalecimento dos outros.

O conceito de precariado, cunhado por Standing (2014), descreve uma nova classe social emergente no capitalismo contemporâneo, marcada pela instabilidade laboral, pela falta de direitos trabalhistas e pela fragilização de identidades profissionais. Diferentemente do proletariado clássico, que possuía certa segurança em troca de sua exploração, o precariado vive em um estado de permanente insegurança, sem acesso a benefícios como aposentadoria, seguro-desemprego ou férias remuneradas.

No ensino de idiomas, essa condição se materializa na figura do professor que, mesmo qualificado, depende de plataformas digitais para obter renda, submetendo-se a jornadas exaustivas e a avaliações algorítmicas que determinam seu sucesso ou fracasso. O precariado enquanto classe trabalhadora não é um fenômeno novo, porém novas tecnologias fizeram aumentar o número de trabalhadores associados ao fenômeno, especialmente na área de prestação de serviços. O desenvolvimento de novas plataformas digitais fez crescer a chamada *gig economy*, representada por uma massa de trabalhadores que realizam, principalmente, serviços de forma pontual e intermitente.

A uberização, como definida por Antunes (2020) e Abílio (2021; 2020), é um dos mecanismos centrais do fenômeno da precarização do trabalho. O termo, derivado do modelo de negócios da empresa-aplicativo Uber, refere-se à transformação de trabalhadores em "parceiros" ou "microempreendedores". Na realidade, os trabalhadores das plataformas se tornam os responsáveis por seus próprios meios de produção, assim como por todos os riscos envolvidos em sua atividade. A gestão e controle da produção é transferida da figura do patrão para o algoritmo da plataforma. Por outro lado, a completa insegurança laboral decorrente do pagamento por produção força que os trabalhadores se tornem gestores de si mesmos, ou como define Antunes (2020) "exploradores de si mesmos".

No ensino de idiomas, isso significa que os professores que trabalham em plataformas digitais precisam investir em computadores, internet de alta velocidade, materiais didáticos e até mesmo na decoração de seus espaços de trabalho, sem qualquer contrapartida das plataformas que lucram com seu labor. E os professores da plataforma ainda tem que sustentar eventuais

prejuízos decorrentes de inevitáveis falhas e defeitos em seus equipamentos, assim como podem ser penalizados por ausências decorrentes de problemas médicos ou outros motivos de força maior.

O termo uberização está diretamente ligado ao tipo de relação entre empresa e trabalhador. Uma relação onde o trabalhador se apresenta quando necessário e somente quando necessário, estando a disposição da plataforma, como explica Abílio (2020, p. 111):

> "Se ultrapassarmos a imaterialidade e a aparente dificuldade em reconhecer as relações de trabalho entre empresas-aplicativo e trabalhadores, poderemos compreender que a empresa e a multidão deram materialidade e visibilidade a uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho [...] consolidação dos trabalhadores em trabalhadores *just-in-time*."

Além disso, a uberização tem impactos na subjetividade dos trabalhadores. Standing (2014) e Antunes (2020) destacam que a falta de vínculos estáveis e a constante pressão por desempenho geram ansiedade, alienação e um sentimento de desvalorização profissional. Ambos autores afirmam que profissionais em plataformas digitais frequentemente relatam a necessidade de se fazer uma exploração de si mesmos para manter uma renda mínima. Esse fenômeno no qual o trabalhador se transforma em um explorador de si mesmo é um mecanismo central da uberização. Removida a figura do patrão, é a concorrência com outros trabalhadores da plataforma digital que exige o máximo desempenho do trabalhador. No caso de professores de idiomas, eles estão competindo não apenas com outros profissionais, mas também com sistemas automatizados de ensino que ameaçam substituí-los.

Outro fator característico dos trabalhadores uberizados é que eles não se veem como uma classe devido às características específicas do funcionamento das plataformas conforme explica Gonsales (2020, p. 133):

> "Além do mais, outros fatores característicos do trabalho intermediado por plataformas dificultam o aflorar da consciência de classe dos trabalhadores e trabalhadoras do setor: 1) a própria competição entre eles e elas, agora empreendedores e empreendedoras remunerados por produtividade; 2) o fato de que parte da classe atua apenas quando necessário para complementar sua renda; 3) a existência de poucos locais físicos de encontro dos trabalhadores e trabalhadoras das empresas plataformas; 4) o amadorismo característico de grande parte do setor; 5) a dinâmica dos vínculos com diversos empregadores; 6) os recursos limitados a uma sobrevivência às margens do sistema."

Este tópico evidenciou como o precariado enquanto classe trabalhadora se tornou muito maior com o surgimento de plataformas digitais que podem reunir uma massa de

trabalhadores ao mesmo tempo em que o fenômeno da uberização mascarou as relações de trabalho entre os trabalhadores e as empresas-plataforma. A conjunção desses fenômenos contemporâneos ataca diretamente a identidade do trabalhador que, em muitos casos, passa a não se enxergar como um trabalhador de fato, mas um microempreendedor que explora a própria força de trabalho, entretanto este ainda continua gerando mais-valia para a empresa. No tópico a seguir será explorada a influência do neoliberalismo sobre a linguística aplicada para melhor compreender como o ensino de idiomas sofre um processo de mercantilização.

2.2 Capitalismo, Neoliberalismo e a Transformação do Trabalho

Este ponto descreve como as relações trabalhistas operam dentro de uma matriz capitalista e neoliberal. A análise das transformações no mundo do trabalho exige uma compreensão histórica das estruturas capitalistas e de suas mutações ao longo do tempo.

Marx (2023) oferece uma base fundamental ao demonstrar como a lógica do capital se sustenta na exploração do trabalho, na extração da mais-valia e na alienação do trabalhador em relação ao fruto de seu labor. Com o autor aprendemos que a extração da mais-valia se dá quando o valor de venda de determinado produto é maior do que aquele pago ao trabalhador que produziu o produto. Ou seja, o valor gerado pelo trabalho é maior do que o valor pago ao trabalhador. Cabe ao capitalista explorar o trabalho alheio, de forma que quanto mais eficiente for o trabalhador maior será a extração de mais-valia. Esse processo de exploração do trabalho é facilitado pela alienação do trabalhador em relação ao resultado de seu trabalho, nessa condição o trabalhador não se reconhece no fruto do seu trabalho. O trabalho é um ato coletivo e social, mas para o trabalhador alienado do fruto do seu trabalho não existe uma conexão ou representatividade entre o indivíduo e o resultado da produção (Marx, 2023).

Escrevendo no contexto da 1ª Revolução Industrial no século XIX, as conclusões de Marx (2023) estão intimamente relacionadas com a manufatura industrial. Contudo, a lógica de exploração do trabalho e geração de mais-valia descrita pelo autor não depende se o resultado do trabalho for um produto ou serviço. Portanto, a mesma lógica de exploração do trabalho também se aplica ao trabalhador da educação, como bem explica Marx (2023, p.578):

> “Se nos for permitido escolher um exemplo fora da esfera da produção material, diremos que um mestre-escola é um trabalhador produtivo se não se limita a trabalhar a cabeça das crianças, mas exige trabalho de si mesmo até o esgotamento, a fim de enriquecer o patrão. Que este último tenha investido seu capital numa fábrica de ensino, em vez de numa fábrica de salsichas, é algo que não altera nada a relação.”

No contexto contemporâneo, essa dinâmica se mantém, porém com novas roupagens, conforme aponta Harvey (2014). O autor argumenta que o neoliberalismo, enquanto projeto político e econômico, aprofunda a mercantilização de todas as esferas da vida, incluindo a educação, ao mesmo tempo em que promove a flexibilização das relações trabalhistas como estratégia para maximizar a acumulação de capital.

A crise estrutural do capitalismo, especialmente a partir da década de 1970, acelerou a adoção de políticas neoliberais que desmontaram conquistas trabalhistas históricas, substituindo-as por modelos baseados em precariedade e terceirização. Harvey (2014) destaca que esse processo não foi meramente econômico, mas também político, envolvendo a atuação de Estados nacionais na desregulamentação de direitos e na promoção de uma ideologia que naturaliza a competitividade e a auto exploração.

Antunes (2020) avança nessa discussão ao examinar a reestruturação produtiva do capitalismo contemporâneo, marcada pela financeirização, pela automação e pela emergência de novas formas de trabalho imaterial. O autor demonstra que a precarização não é um fenômeno recente, mas sim uma característica intrínseca ao capitalismo, que se intensifica em períodos de crise e reconfiguração tecnológica. No ensino de idiomas, essa precarização se manifesta na substituição de contratos formais por relações de trabalho mediadas por plataformas digitais, onde os docentes assumem todos os riscos inerentes à atividade laboral, desde custos com equipamentos até a instabilidade de renda.

A seguir é demonstrado como as inovações do Século XXI intensificam os mecanismos de exploração do trabalho alheio e extração da mais-valia através de avançados recursos tecnológicos.

2.3 A Quarta Revolução Industrial e a Economia Digital

Compreendendo o panorama da quarta revolução industrial e a economia digital, torna-se essencial analisar como essas transformações afetam diretamente as relações de poder e os discursos no campo educacional, especialmente no ensino de idiomas, ponto que é explorado a seguir.

A Quarta Revolução Industrial, conforme definida por Schwab (2016), representa uma ruptura qualitativa em relação às revoluções tecnológicas anteriores, caracterizada pela integração de sistemas digitais, inteligência artificial, internet das coisas e outras tecnologias disruptivas. Essas inovações são consideradas disruptivas porque não apenas transformam os processos

produtivos, mas também reconfiguram radicalmente o mercado de trabalho, eliminando postos tradicionais e criando novas formas de exploração laboral. De acordo com a observação de Schinestsck (2020, p. 80) "*As plataformas digitais apresentam-se como detentores de mecanismos tecnológicos aptos a conectar oferta e demanda de um bem ou serviço por meio de uma rede, alcançando um enorme contingente de pessoas.*"

No campo do ensino de idiomas, a plataformização do trabalho é um fenômeno emblemático dessa nova fase do capitalismo. As empresas que operam nesse setor não possuem salas de aula, materiais didáticos ou vínculos empregatícios com os professores; em vez disso, funcionam como intermediárias digitais, extraindo valor do trabalho docente por meio de algoritmos que controlam desde a precificação das aulas até a distribuição de alunos.

Schwab (2016) alerta para os riscos dessa economia digital, na qual a automação e a mediação algorítmica podem aprofundar desigualdades, concentrando riqueza e poder nas mãos de poucas corporações tecnológicas. A chamada "economia gig" ou "economia de bicos" emerge nesse contexto como um modelo que substitui empregos estáveis por trabalhos pontuais, sem garantias ou proteções sociais. Os riscos inerentes ao empreendimento capitalista são transferidos da empresa para os trabalhadores que se tornam mais vulneráveis e descartáveis.

Braga (2017) argumenta que essa forma de organização laboral cria uma dualidade no mercado de trabalho: de um lado, uma pequena elite de profissionais altamente qualificados e bem remunerados; de outro, uma massa de trabalhadores precarizados, incluindo professores de idiomas, que dependem de plataformas digitais para sobreviver, mas não têm controle sobre as condições de seu trabalho.

No ponto a seguir são definidos os conceitos chaves fundamentais para o sustento teórico desta pesquisa, e fundamentação das categorias de análise utilizadas para interpretar os dados informados pelos participantes da pesquisa.

2.4 Neoliberalismo e Linguística Aplicada

O neoliberalismo não apenas transformou as relações de trabalho, mas também redefiniu os discursos e práticas no campo da educação. Block, Gray e Holborow (2012) analisam as relações entre neoliberalismo e linguística aplicada, demonstrando como as lógicas econômicas neoliberais influenciam o ensino de idiomas.

Os autores argumentam que a mercantilização do ensino de idiomas é um fenômeno central nesse processo neoliberal, eles destacam que o neoliberalismo transforma a língua em uma *commodity*, que instrumentaliza o ensino de idiomas para fins mercadológicos e precariza as condições de trabalho dos profissionais da área.

Gray (2012) evidencia como o mercado de ensino é uma atividade lucrativa que movimenta diversos setores como a produção de livros didáticos por editoras e a realização de exames internacionais para atestar níveis de proficiência dos aprendizes.

> "UK ELT textbook production is a multimillion-pound activity. The British Council's 2009–10 annual report estimates that when industrial testing such as IELTS (International English Language Testing Systems) and ELT services generally are also taken into consideration, the industry is worth £3–4 billion a year to the British economy. Not surprisingly this industry repeatedly makes the case for English as a language worth learning in terms of the economic benefits it can bring to countries and to individual speakers; and with regard to developing world countries it repeatedly equates both development and education with English." (Gray, 2012, p. 97).

O inglês, em particular, é promovido como um "capital linguístico" essencial para a mobilidade social, reforçando desigualdades entre aqueles que têm acesso a esse conhecimento e aqueles que são excluídos. Além disso, os autores criticam a naturalização de conceitos como "empreendedorismo linguístico" e "capital humano", que reforçam desigualdades ao vincular o valor das línguas à sua utilidade econômica. Por fim, defendem uma linguística aplicada mais crítica e politizada, capaz de questionar essas estruturas e promover maior justiça social (Gray; Block, 2012).

A análise demonstra como o neoliberalismo transforma o ensino de idiomas em uma *commodity*, subordinando práticas pedagógicas a lógicas mercadológicas. Conforme destacado por Block, Gray e Holborow (2012), a instrumentalização da língua como 'capital linguístico' reforça desigualdades, privilegiando discursos de empreendedorismo em detrimento de uma educação crítica. Essas dinâmicas não apenas precarizam o trabalho docente, mas também perpetuam hierarquias coloniais — tema que será aprofundado no próximo tópico, ao examinarmos o contexto da colonialidade no ensino de idiomas.

2.5 O Contexto da Colonialidade no Ensino de Idiomas

Este tópico examina como as hierarquias coloniais, historicamente enraizadas na valorização de certas línguas, sotaques e identidades, continuam a moldar o mercado contemporâneo de

ensino de idiomas. Com base em autores como Pennycook (1998) e Mignolo (2005), é discutido como a colonialidade do saber se manifesta na desvalorização seletiva de professores do Sul global, no mito do falante nativo e na reprodução de assimetrias que vinculam línguas como o inglês a projetos de poder. Essas dinâmicas, intensificadas pela plataformização global, não apenas marginalizam saberes locais, mas também naturalizam a exploração de profissionais periféricos, aprofundando as críticas já levantadas sobre o neoliberalismo na seção anterior.

No ensino de idiomas, a precarização do trabalho docente assume contornos específicos, marcados por uma divisão internacional do trabalho que privilegia falantes nativos e marginaliza professores de países periféricos, uma hierarquia colonial como discutem Pennycook (1998) e Dussel (2005). O ensino de idiomas está profundamente marcado por essas hierarquias que continuam reproduzindo estruturas de poder desiguais. Essa dinâmica reflete a colonialidade do saber, na qual certos sotaques, identidades e variedades linguísticas são valorizados em detrimento de outras, reforçando a hegemonia de línguas como o inglês que é atribuído valor como "capital linguístico" essencial para a mobilidade social.

A plataformização do ensino intensifica essas desigualdades, pois as plataformas digitais frequentemente priorizam professores de países centrais, falantes nativos de variedades de prestígio, ao mesmo tempo que naturalizam a exploração de profissionais de regiões periféricas, que recebem remunerações pífias em comparação com seus pares do Norte global.

A crítica de Mignolo (2005) à modernidade eurocêntrica ajuda a entender como essas hierarquias persistem no ensino de idiomas, onde a formação acadêmica de profissionais do Sul global é frequentemente desvalorizada em favor de estereótipos coloniais. Nesse contexto, a atuação profissional docente é limitada não apenas pelas plataformas, mas também por estruturas históricas que reproduzem a lógica colonial cultural e econômica.

> “A economia ocidental é geralmente pensada como um sistema de produção. Da perspectiva da antropologia da modernidade, entretanto, a economia ocidental deve ser vista como uma instituição composta de sistemas de produção, poder e significação. Os três sistemas uniram-se no final do século dezoito e estão inseparavelmente ligados ao desenvolvimento do capitalismo e da modernidade. Devem ser vistos como formas culturais através das quais os seres humanos são transformados em sujeitos produtivos.” (Escobar, 1995, apud Lander, 2005, p. 18).

Assim, o ensino de idiomas no cenário contemporâneo é um campo de disputa entre a reprodução de lógicas coloniais e a possibilidade de resistência crítica, que questiona essas estruturas e promove práticas laborais mais justas.

Este capítulo apresentou neoliberalismo, tecnologia, uberização e precarização como eixos centrais desta pesquisa, estes conceitos serão retomados mais adiante no capítulo de análise dos dados para demonstrar como a intersecção destes construtos redefine as relações laborais no ensino de línguas. A seguir, o próximo capítulo detalha os procedimentos metodológicos adotados, explicando como os dados desta pesquisa foram coletados e analisados.

3. METODOLOGIA

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, incluindo o tipo de pesquisa, os participantes, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos de coleta e análise dos dados e as categorias de análise. A fim de traduzir os debates teóricos em evidências empíricas, este estudo adotou uma abordagem qualitativa, centrada nas narrativas dos professores. Este capítulo descreve os critérios para seleção dos participantes, os instrumentos de coleta de dados (entrevistas semiestruturadas) e as técnicas de análise (Análise de Conteúdo Qualitativa), garantindo transparência sobre os caminhos percorridos para responder às questões da pesquisa.

3.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender em profundidade as experiências e percepções de professores de idiomas que atuam em plataformas digitais. A pesquisa qualitativa é adequada para explorar fenômenos complexos e multifacetados, como a uberização do trabalho, que envolve dimensões sociais, econômicas, tecnológicas e subjetivas.

Ao invés de buscar a generalização estatística, a pesquisa qualitativa visa aprofundar a compreensão de um determinado contexto, buscando identificar padrões, temas e significados nas falas e ações dos participantes. Neste estudo, a abordagem qualitativa permite investigar as nuances da mercantilização no ensino de idiomas, considerando as diferentes perspectivas e vivências dos professores envolvidos.

3.2 Participantes

Os participantes desta pesquisa são professores de idiomas que atuam em plataformas digitais de ensino. Também participaram professores em formação, alunos da UFMG. A seleção dos participantes ocorreu por meio de uma amostragem intencional, buscando incluir professores com diferentes perfis e experiências. Foi considerado importante incluir professores em formação para poder avaliar suas percepções quanto ao futuro da profissão. Foi considerado importante comparar e constatar as expectativas dos futuros professores com as percepções de professores mais experientes que estão atuando no mercado de trabalho. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão para professores em exercício:

- Ser professor de inglês.
- Atuar em plataformas digitais de ensino de idiomas.
- Ter experiência de pelo menos 6 meses de atuação nessas plataformas.
- Participar de grupos digitais de apoio ou cooperação de professores de inglês.
- Concordar em participar voluntariamente da pesquisa.

Foram considerados os seguintes critérios para a inclusão dos professores em formação na pesquisa:

- Ser aluno regularmente matriculado no curso de Letras.
- Ter o interesse ou expectativa de atuar futuramente no mercado de ensino de inglês.
- Concordar em participar voluntariamente da pesquisa.

A amostra final foi composta por 8 participantes, sendo 4 professores em formação (estudantes de graduação) e 4 professores em exercício com experiência profissional na área que gentilmente concordaram em colaborar com a pesquisa. Os quatro estudantes do curso de licenciatura da UFMG selecionados para participar na pesquisa foram meus alunos na disciplina de “Habilidades Integradas I”, disciplina que eu lecionei como parte do meu estágio em docência no presente programa de pós-graduação.

Os professores em exercícios selecionados para participar da presente pesquisa foram recrutados através de grupos online de professores de inglês dos quais eu também sou membro. Os grupos online aqui referidos são formados por profissionais que têm interesses em comum e participam de cursos, seminários ou eventos de aperfeiçoamento profissional na área de ensino de inglês como língua estrangeira. Devido ao caráter Global dos fenômenos

estudados, foi considerado um critério importante para a seleção dos participantes que eles pudessem representar diferentes partes do mundo.

Embora a pesquisa tenha um número reduzido de participantes foi possível incluir participantes com características, origens e experiências bastante diversas: Falantes nativos e não-nativos, profissionais com e sem formação acadêmica na área, pessoas do Norte global e do Sul global e profissionais com muita experiência na área e com pouca experiência na área. Infelizmente não foi possível contar com a colaboração de professores do continente asiático de países como China, Japão, Cingapura, Índia ou Tailândia. Além dos presentes participantes da pesquisa, também deveria ter participado uma professora da África do Sul. Infelizmente, contudo, devido a condições logísticas e materiais, não foi possível realizar a entrevista com esta professora.

Perfis dos participantes.

A seguir encontra-se nesta seção a descrição dos perfis de todos os participantes da pesquisa. Seus dados pessoais foram anonimizados para garantir a segurança e o anonimato de todos os participantes.Os nomes utilizados a seguir são fictícios e nenhum dado pessoal que possa revelar sua identidade foi utilizado.

Participante 01: Daria

Daria é uma mulher branca, russa, de Moscou, com mais de 20 anos de experiência no ensino de inglês como língua estrangeira. Atualmente, Daria é dona de sua própria escola de idiomas na Rússia. Embora sua escola contratasse outros professores de inglês no passado, desde a pandemia de covid ela é a única professora atuante na escola.

Participante 02: Solange.

Solange é uma mulher brasileira parda, do interior de Minas Gerais, professora de inglês com ampla experiência na área. Formada em letras, ela tem experiência em ensino público e privado e em cursinhos de idiomas. Atualmente é dona de sua própria escola de idiomas onde ela trabalha com ensino de inglês sozinha.

Participante 03: Mary.

Mary é uma mulher preta, nascida nas Bahamas, no Caribe, e atualmente mora na Irlanda do Norte com sua família. Falante nativa da língua inglesa com extensa experiência no ensino de

idiomas. Por muitos anos ela trilhou uma carreira como professora universitária de francês como língua estrangeira em uma universidade nas Bahamas. Atualmente ela se encontra no processo de estabelecer sua própria escola de ensino de inglês como língua estrangeira na Irlanda do Norte para atender alunos de todo o mundo.

Participante 04: Sarah.

Sara é uma mulher branca, estadunidense, falante nativa da língua inglesa, que após a separação de seu marido resolveu se aventurar no ensino de inglês como língua estrangeira online. De todos os professores em exercício que participaram da pesquisa ela é quem tem menos experiência.

Participante 05: Murilo.

Murilo é um homem preto estudante de Letras na UFMG, no momento da entrevista ele tinha 21 anos de idade. Murilo não tem experiência com ensino de idiomas, ele declarou que seus interesses em escolher cursar licenciatura em letras estão ligados a uma percepção de que há uma facilidade de empregabilidade na área devido a ampla demanda, assim como cursar Letras deveria melhorar seu nível de inglês o que aumentariam suas chances de obter emprego em outras áreas por essa ser uma habilidade valorizada no mercado de trabalho.

Participante 06: Ana

Ana é uma mulher parda de 20 anos de idade no momento da pesquisa e aluna do curso de Letras da UFMG. Ana não tem experiência com ensino, ela contou na entrevista que sua primeira opção de curso era Direito mas acabou por escolher Letras devido a nota de corte. Ela afirma que gosta muito da língua inglesa e já estuda inglês sozinha desde os treze anos sem nunca ter participado de nenhum curso de idiomas. Ela acredita que o curso de Letras com habilitação em inglês pode ajudar a melhorar seu nível de proficiência, além de lhe oferecer mais oportunidades futuras.

Participante 07: Jonas.

Jonas é um homem branco aluno do curso de Letras na UFMG de 23 anos de idade. Jonas iniciou seus estudos no bacharelado de Linguística mas decidiu se transferir para a licenciatura de Letras com habilitação em inglês considerando as oportunidades existentes no mercado de trabalho. Ele teve oportunidades de dar aulas presenciais como voluntário, já

recebeu convites para dar aulas de inglês online, mas recusou por não se sentir confiante em suas capacidades.

Participante 08: Camila.

Camila é uma mulher parda, com 25 anos de idade, aluna do curso de Letras na UFMG. De todos os professores em formação participantes da pesquisa, ela é a única que tem experiência com ensino. Já formada em Letras na mesma instituição, ela decidiu retornar à universidade para obter a habilitação em inglês. A decisão de retornar a Letras para obter uma nova habilitação foi motivada pelo mercado de trabalho. Camila conta que depois de formada na licenciatura de Letras e empregada em uma escola privada como professora de português, foi convidada pela escola para lecionar a disciplina de inglês para os alunos do fundamental 1. Essa breve experiência fez Camila se interessar mais pela área de ensino de idiomas e perceber que há mais demanda e melhores oportunidades para professores de inglês quando comparados com professores de português.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

O principal instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada permite obter informações detalhadas e aprofundadas sobre as experiências e percepções dos participantes, ao mesmo tempo em que oferece flexibilidade para explorar temas emergentes.

Foi elaborado um roteiro de entrevista com questões abertas para elicitar dos participantes opiniões, visões e experiências acerca dos fenômenos investigados na pesquisa. Foram abordados os seguintes temas:

- Perfil do Participante: Experiência profissional, formação acadêmica, plataformas em que atua.
- Uberização do Trabalho: Percepções e vivências da uberização no ensino de idiomas, características do trabalho nas plataformas digitais.
- Condições de Trabalho: Flexibilização, precarização, instabilidade, remuneração, carga horária, autonomia, controle.
- Relações de Trabalho: Concorrência, individualismo, colaboração, apoio entre os professores.
- Práticas Pedagógicas: Impacto da uberização nas práticas de ensino, uso de tecnologias, formação continuada.

- Estratégias de Adaptação e Resistência: Formas de lidar com os desafios da uberização, ações individuais e coletivas.
- Perspectivas sobre a Profissão: Visão sobre o futuro do trabalho docente no ensino de idiomas, expectativas e desafios.

O roteiro completo da entrevista pode ser encontrado no Apêndice 01.

3.4 Procedimentos de Coleta de Dados

O plano inicial definido no projeto de pesquisa era realizar um grupo focal para reunir os professores e debater suas opiniões e visões acerca do fenômeno da precarização e uberização da profissão docente. O objetivo da formação do grupo focal estava baseado numa expectativa de que poderia haver a possibilidade de troca de experiências entre os participantes com a finalidade de enriquecer o diálogo. Entretanto, não foi possível realizar o grupo focal como inicialmente planejado. O caráter internacional da pesquisa com participantes espalhados em diversos países em diferentes fusos horários, assim como as limitações de disponibilidade dos participantes, impediu a realização do grupo focal.

Desta forma, as entrevistas com os professores em exercício foram realizadas individualmente. Esta adaptação foi necessária para se adequar às necessidades dos participantes e possibilitar a realização deste trabalho. No entanto, a realização de entrevistas individuais agregou um valor inesperado à pesquisa. Ouvir as contribuições individualmente permitiu um aprofundamento muito maior e mais detalhado sobre as questões abordadas que certamente não seria possível em um grupo focal. Este caráter mais personalizado da entrevista permitiu obter uma compreensão mais ampla das experiências dos participantes.

A realização da pesquisa teve um caráter internacional que poderia ser ampliado com a participação de mais professores. Não foi possível obter a participação de nenhum professor do hemisfério oriental, o que poderia proporcionar um caráter global de fato ao estudo. Apesar do número limitado de participantes, as suas contribuições foram ricas e profícuas. Todas as entrevistas realizadas extrapolaram o tempo de duração planejado. Ainda assim, apesar de reiterados esforços, limitações materiais e logísticas impediram a participação de uma professora da África do Sul que certamente poderia trazer valiosas contribuições e perspectivas para o presente estudo.

Os professores em formação, estudantes de licenciatura do curso de Letras da UFMG, fizeram a entrevista em pares. Devido a dificuldades de agenda e disponibilidade dos participantes não foi possível realizar o grupo focal com os professores de formação como planejado. Ambos os

pares entrevistados consistiram de um homem e uma mulher, porém este fato foi incidental, fruto da disponibilidade dos participantes, e não planejado. Houveram ainda, dois outros voluntários, professores em formação alunos da UFMG, que não conseguiram participar da pesquisa devido às suas limitações logísticas e de agenda.

Devido à natureza online do trabalho dos participantes, as entrevistas foram conduzidas de forma remota, por meio da plataforma de videoconferência Zoom. O áudio e vídeo das entrevistas foi capturado por ferramenta de gravação nativa da plataforma de videoconferência.

Antes de cada entrevista, os participantes foram informados novamente sobre os objetivos da pesquisa, a garantia de anonimato e confidencialidade, e a possibilidade de interromper a participação a qualquer momento. Foi solicitado o consentimento dos participantes para a gravação das entrevistas em áudio, com o objetivo de facilitar a transcrição e análise dos dados.

As entrevistas tiveram duração média de 80 minutos e foram conduzidas de forma flexível, permitindo que os participantes desenvolvessem suas ideias e compartilhassem suas experiências de forma aberta e espontânea. Os professores em formação que realizaram as entrevistas em duplas puderam compartilhar e contrastar suas percepções uns com os outros, o que de fato foi muito proveitoso. O pesquisador buscou estabelecer um *rapport* com os participantes, criando um ambiente de confiança e respeito.

3.5 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa (QCA), uma técnica que permite identificar e interpretar padrões, temas e categorias nos dados qualitativos (Schreier, 2012). A QCA, conforme Schreier (2012), é um método para descrever sistematicamente o significado do material qualitativo, classificando partes do material nas categorias de um quadro de codificação. Este quadro, ou *coding frame*, é central na QCA e abrange todos os significados relevantes para a descrição e interpretação do material.

A análise de conteúdo foi realizada em diversas etapas, buscando garantir um processo sistemático e transparente. As gravações em áudio das entrevistas foram transcritas na íntegra, utilizando um software de transcrição automática e revisadas manualmente para garantir a

precisão. Este processo permitiu transformar os dados brutos em um formato textual adequado para a análise.

O pesquisador realizou uma leitura atenta e repetida das transcrições, buscando obter uma visão geral do conteúdo e identificar as ideias principais. Esta etapa inicial é importante para familiarizar o pesquisador com os dados e identificar padrões preliminares.

Os dados foram codificados, ou seja, foram atribuídos códigos ou rótulos aos trechos do texto que expressavam ideias ou temas relevantes. A codificação foi realizada de forma indutiva e dedutiva, ou seja, os códigos emergiram dos próprios dados. Schreier (2012) destaca que a QCA frequentemente envolve a criação de categorias a partir dos dados, o que confere um caráter qualitativo e indutivo ao método. A codificação dedutiva foi realizada a partir do referencial teórico, utilizando as definições e conceitos abordados.

Os códigos foram agrupados em categorias mais amplas, que representam os principais temas investigados na pesquisa. As categorias de análise foram definidas com base no referencial teórico e nos objetivos da pesquisa, mas também foram refinadas e expandidas durante o processo de análise, em um movimento entre a teoria e os dados (Schreier, 2012). As categorias de análise, segundo Schreier (2012), são ferramentas para organizar e interpretar os dados, e devem ser claramente definidas e justificadas.

3.5.1 Descrição das Categorias de Análise Utilizadas:

Categoria 1. Precarização do Trabalho Docente: Esta categoria busca analisar as mudanças no trabalho dos professores de idiomas no contexto da uberização, incluindo a plataformização, a flexibilização e outras formas de precarização das condições de trabalho, bem como as questões de autonomia e controle.

Subcategoria 1.1: Uberização e Plataformização: Esta subcategoria foca em como os professores percebem e vivenciam a uberização e a plataformização do trabalho, analisando as características específicas do trabalho nas plataformas digitais.

Subcategoria 1.2: Flexibilização e Precariedade: Esta subcategoria examina os impactos da flexibilização e da precarização nas condições de trabalho dos professores, como a instabilidade e a insegurança.

Subcategoria 1.3: Autonomia e Controle: Esta subcategoria investiga a percepção dos professores sobre sua autonomia e controle no trabalho em plataformas, bem como os mecanismos de controle utilizados pelas plataformas.

Categoria 2. Relações de Trabalho e Mercado: Esta categoria explora as relações de trabalho e as dinâmicas do mercado no contexto da uberização e precarização das relações de trabalho, incluindo a concorrência e o individualismo, a mercantilização do trabalho e as relações entre o mercado global e local.

Subcategoria 2.1: Concorrência e Individualismo: Esta subcategoria analisa como a concorrência entre os professores é percebida e vivenciada nas plataformas, e como isso afeta as relações entre eles.

Subcategoria 2.2: Mercantilização do Trabalho: Esta subcategoria examina a transformação do trabalho docente em mercadoria e como os professores lidam com a avaliação e o consumo de seu trabalho.

Subcategoria 2.3: Mercado Global e Local: Esta subcategoria investiga como a globalização digital afeta o mercado de trabalho para professores de idiomas e as relações entre o trabalho online e presencial.

Categoria 3. Estratégias e Perspectivas: Esta categoria analisa as estratégias que os professores utilizam para se adaptar e resistir aos desafios da precarização, bem como suas perspectivas sobre o futuro da profissão e seu desenvolvimento profissional.

Subcategoria 3.1: Adaptação e Resistência: Esta subcategoria examina as formas como os professores se adaptam aos desafios da uberização e as estratégias de resistência que desenvolvem.

Subcategoria 3.2: Futuro da Profissão: Esta subcategoria investiga as expectativas e perspectivas dos professores em relação ao futuro da profissão e suas preferências em relação aos modelos de trabalho.

Subcategoria 3.3: Desenvolvimento Profissional: Esta subcategoria aborda como a uberização afeta o desenvolvimento profissional dos professores, incluindo a formação continuada e as oportunidades de carreira.

A metodologia aqui delineada permite capturar as complexidades da uberização docente a partir de perspectivas diversificadas. Os dados categorizados foram interpretados à luz do referencial teórico, buscando identificar relações, padrões e contradições. Com os dados coletados e categorizados, o próximo capítulo da dissertação avança para a análise dos resultados, onde as vozes dos professores são interpretadas, revelando contradições, estratégias de resistência e os impactos da uberização em sua prática profissional. Uma vez descritos os procedimentos metodológicos, passamos agora à análise dos resultados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo materializa a organização metodológica descrita no Capítulo 3, analisando as percepções e experiências dos professores de idiomas no contexto da uberização, e articulando os dados coletados nas entrevistas com o referencial teórico apresentado no Capítulo 2. Os resultados desta pesquisa evidenciam um cenário de tensões entre as promessas de autonomia das plataformas digitais e a realidade da precarização. Fica evidente como os docentes navegam entre adaptação e resistência, enquanto enfrentam a mercantilização de seu trabalho e a concorrência globalizada.

A análise das entrevistas com os professores participantes da pesquisa está organizada, conforme descrito no capítulo anterior, em três categorias principais: (1) precarização do trabalho docente; (2) relações de trabalho e mercado; e (3) estratégias e perspectivas. Cada uma das categorias de análise está subdividida em três subcategorias menores. Após cuidadosa leitura foram selecionados trechos das entrevistas apresentados a seguir. Cada trecho de entrevista foi cuidadosamente interpretado para elucidar os conceitos e pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa na fala de cada participantes.

4.1 Apresentação dos dados das entrevistas

Categoria 1. Precarização do Trabalho Docente

Subcategoria 1.1: Uberização e Plataformização

A análise dos depoimentos referentes a esta subcategoria revela o processo de plataformização no ensino de idiomas, evidenciando tanto as potencialidades, quanto as contradições inerentes a esse modelo de trabalho. Os trechos selecionados ilustram como o trabalho digital reconfigura as relações de trabalho, transferindo os custos e os riscos para os professores.

Entrevista 01 Camila:

- "Eu até tive uma aluna online, era o reforço escolar de inglês, e assim eu desisti de dar aula pra ela sabe? Porque era muito complicado, a casa assim, uma bagunça completa, ela não não conseguia absorver o conhecimento direito, e foi assim uma experiência muito ruim porque eu fazia todo material didático, não tinha livro ainda pra poder me apoiar, e nossa que que sofrimento, foi assim terrível, e eu cobrava muito pouco também porque eu não tinha né, não tinha nem entrado né na faculdade de inglês ainda."

Este relato sobre a experiência de Camila expõe a transferência de responsabilidades pedagógicas para o docente, que assume integralmente a elaboração de materiais e a gestão das condições de aprendizagem, sem suporte institucional. A precariedade das condições de trabalho é agravada pela desvalorização monetária ("cobrava muito pouco"), exemplificando como a precarização reduz o trabalho docente a uma atividade mal remunerada e mal estruturada.

Entrevista 04 Solange

- "Eu olhei aquelas plataformas, eu esqueci, Prof? Como é que chama? Temos plataformas muito famosas de curso de inglês que o professor cadastra. Mas não tinha vaga, e aí, como eu te falei, começou a parecer aluno da região, aluno que já fazia comigo, aluno que já queria uma pegada mais particular”
- “eu fui porque era o que tava mal eu precisava trabalhar eu não queria escola mais eu não tinha dinheiro então eu falei vou vou pra todo lado aqui, né, então era uma… era uma forma de ganhar dinheiro só. Nada além disso. Sem me expressar, sem me desgastar com a sala de aula.”

Aqui, a plataforma surge como alternativa à insatisfação com modelos tradicionais de ensino ("*não queria escola mais*"), mas também como recurso desesperado diante da necessidade econômica ("*eu precisava trabalhar [...] era uma forma de ganhar dinheiro só*"). A fala revela o caráter mercadológico das plataformas, para manter um equilíbrio entre oferta e demanda, as plataformas eventualmente impedem o cadastro de novos professores.

Entrevista 02 Murilo:

- "Super prof, eu já escuto, eu já ouvi falar, já. Super prof. Uma aula no primeiro ano, no primeiro semestre, já tinha me falado sobre essa plataforma, e uma outra, mas o que mais lembra é essa. Tem o Cambly também, que é muito popular."

Este depoimento ilustra como as plataformas se apresentam como uma alternativa aos futuros professores desde o início de sua formação. Os jovens professores em formação já estão cientes da competição por alunos e concorrência no mercado de ensino das plataformas de ensino online.

Entrevista 03 Daria:

- “So I was saying that I've owned my school for 21 years now. And before covid, we were an offline school. And I was against online, like, seriously against. I was sure that it's not productive. It's useless. But thanks to covid, yes, we had to start teaching online, learning online. Yep. And it was the best thing that ever happened, really. Because now you are not tied to any workplace, to any place, really. You can take your laptop and go anywhere you want. Right? And you can teach people from wherever and whenever, which is also super cool, I think.”
- "And also, time difference. I have students from all over now, not just from one place. So, timetable is different as well. I start working super early because a lot of people in Russia. Well, we have a lot of time zones. Yeah. And I finish super late as well. So..."

Este depoimento ilustra a dualidade da plataformização: enquanto a flexibilidade geográfica ("not tied to any place") é celebrada como conquista, a extensão da jornada ("start working super early [...] finish super late") revela a intensificação do trabalho. A adaptação forçada pela pandemia ("thanks to covid") demonstra como a aceleração digital funciona como catalisadora de mudanças estruturais.

Entrevista 06 Sarah:

- "A lot of them would be glitchy. You’d have trouble logging in. You’d be logged in. It would drop the Zoom call. You’d have to log back in, which means you’re taking away time with the lesson plan."
- "The scheduling for me was tough (...) You have to sit here for a 4 to 6 hour window, and you’re just hoping that somebody kinda shows up, which is extremely frustrating."

Os problemas técnicos ("glitchy", "dropped Zoom calls") e a passividade na gestão do tempo ("hoping that somebody shows up") demonstram como a infraestrutura digital pode se tornar um obstáculo pedagógico. A fala expõe a precariedade material do trabalho remoto, onde a dependência tecnológica gera instabilidade e frustração.

Entrevista 05 Mary:

- “The beauty of it is that I can work as little or as much as I want. I provide them with the hours that I prefer to work. “
- “Now for somebody who's not trained, this is an excellent platform because you don't have to do any thinking whatsoever. You just show up and you do the work. However, for somebody who's trained, for somebody who has a background in in, linguistics and and keeps abreast of all of the research in second language acquisition, You think to yourself, I'm doing my students a disservice here. [...] But the students love it because they feel as if they're making progress.”
- What I think will happen is that I will focus on teaching what I enjoy and neglect what I don't enjoy, like doing my accounting, which is not good. So, I… as soon as I am able to, I might get the help of a virtual assistant. Again, this whole concept of Uberization, I… I'm not… I don't have to hire somebody. I can just outsource some things.

Aqui, a plataforma é criticada por esvaziar o papel do docente qualificado, reduzindo-o a executor de protocolos pré-estabelecidos ("you don't have to do any thinking"). A contradição entre eficácia pedagógica e satisfação imediata do aluno ("students love it") reflete a tensão entre qualidade educacional e lógica mercantil.

Subcategoria 1.2: Flexibilização e Precariedade

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela a natureza paradoxal da flexibilização no contexto do trabalho docente por plataformas digitais, evidenciando como a aparente liberdade se converte em mecanismo de precarização. Os relatos demonstram claramente a transformação da flexibilidade em instrumento de exploração laboral, conforme teorizado por Antunes (2020) e Standing (2014).

Entrevista 01 Camila:

- "Nessa oportunidade, eu cobrava na época trinta reais a minha hora aula, então assim, era valor muito baixo, sabe? Eu conheço eu tenho amigos que… que cobram cem reais a hora aulas, então foi assim né nessa ideia de tentar ajudar de, né também, eu acho que teve uma desvalorização minha, da minha parte sabe? Do meu conhecimento também, porque eu quis cobrar pouco porque eu não tinha… né? Não tinha nem entrado… né? Não tenho a formação ainda, e tudo… e… e nessa de tentar ajudar foi… foi completamente caótico. Assim, não… não gostaria de passar por isso de novo, eu acho que vai ser, como eu falei, o contrato é fundamental, né? Porque se o menino falta, ele vai ter que me pagar a hora da falta né? Ele vai ter que me pagar hora aula independente se ele está lá ou não, ele fez compromisso, né? Fechou ali o pacote, né? Então assim, são… são coisas que o professor precisa ter, essa garantia, sabe? Porque senão ninguém realmente ninguém leva a sério.."

Este depoimento ilustra a precarização financeira decorrente da ausência de contratos formais, onde a flexibilidade de valores e horários se traduz em desvalorização profissional. A fala revela como a informalidade das relações trabalhistas gera instabilidade econômica e fragiliza a posição do docente.

Entrevista 02 Murilo:

- "você não tem nenhum benefício recebe só pela hora de trabalho, no caso da docência só pela hora aula, não tem mais nenhum tipo de outro benefício fora a hora aula"

Esta afirmação explicita a precarização profissional, caracterizada pela ausência de direitos trabalhistas básicos, confirmando o desmonte neoliberal das proteções ao trabalhador. A redução da relação laboral ao mero pagamento por hora-aula representa Uberização da atividade docente.

Entrevista 03 Daria:

- "Online is super tricky because when you work offline, you leave your workplace, and you're free. Right? Mhmm. But when you work online, you have your work with you. You have your laptop 247. Right? And when you… if you work from home, then you have work at home 24/7."
- "I like that. I like it, though I'm not very kind to myself, I guess. Yeah. Because, yes, I don't create the timetable that is suitable for me. I create the timetable suitable for the

students. And then I have to build my life around that timetable, which is annoying and not… not ideal."

Estes trechos demonstram como a suposta autonomia na gestão do tempo se converte em disponibilidade permanente, caracterizando a ilusão da flexibilidade de horário de trabalho, como demonstrado por Abílio, (2020). A possibilidade de trabalhar a qualquer momento do dia se transforma em disponibilidade para trabalhar a qualquer momento. A dificuldade em estabelecer limites entre vida pessoal e profissional revela os efeitos perversos da flexibilização extrema.

Entrevista 04 Solange

- Então todos eram hora aula, então o cursinho ele não te sustenta né? Pensar em vida de adulto. A escola regular era sempre assim, quem trabalhava no ou na escola regular, né, ou aula particular geralmente era CLT e o cursinho de inglês, porque a maioria dos cursinhos trabalha por ora aula, né? Especialmente quando você está começando.
- "Todos esses dez anos eu sempre trabalhei de duas a três escolas. Sempre, sempre trabalhei de duas a três escolas para ter o, pagar o aluguel e ter carro popular mais velho, sem… sem contar com ninguém, entendeu?"

Nesta fala, Solange descreve sua experiência laboral em escolas tradicionais. Estes relatos evidenciam a necessidade de pluriemprego para garantir a subsistência. Fica demonstrado sua incorporação ao precariado, classe marcada pela instabilidade econômica crônica, mesmo antes das inovações tecnológicas atuais. A fala revela como a sobrecarga laboral insustentável pode forçar professores a buscar alternativas para obter seu sustento.

Entrevista 05 Mary:

- **How do you see this perspective of adding new work demands, administrative, marketing, and so on?**

  Well, it is a struggle because I… you know, I'm trying to set up a website now, trying to get established on social media platforms. All of these are skill sets I don't have. I'm not a social media guru. I'm not a marketing expert. I'm not a finance person. I have to deal with my own taxes, and I don't have the money yet to outsource this. So to start with this is very challenging.

- “Now I just opened an Instagram account, and I've never even looked at TikTok. So I… I am not the one to start posting every day in those platforms.”

Estes trechos ilustram a expansão das exigências profissionais para além da docência. A necessidade de dominar múltiplas competências não-pedagógicas representa uma forma de precarização qualitativa. Este relato se insere na lógica do empreendedorismo neoliberal onde o trabalhador se torna um microempreendedor de si mesmo tendo de incorporar responsabilidades e funções além daquelas de sua especialização profissional.

Entrevista 06 Sarah:

- "The pay for the amount of information you have to know is absolutely horrible... You’re a freelancer. You’re paying all the taxes. You’re if you wanna do any extra educational type stuff to help with the students, that’s out of your pocket, that’s out of your time."
- "You can go work at McDonald’s and literally not have to do hardly anything. And you’re making better than, educated teacher at this point, teaching English online. And you at least get some sort of benefits with McDonald's."
- It's hard. It's hard. And it's expensive to live everywhere. Like, they should at least pay a living wage so you can afford an apartment and groceries. Like, nobody's expecting to get rich off this job, but you shouldn't have to worry about your bills.
- I know a lot of them try to skirt around, paying you, like, if a student doesn't show up to class. That was one of the reasons I the pay was low with Lingo Ace. [...] And when I started reading the contract, they made it very difficult for you to get paid if a student didn't show up. You had to follow a very specific procedure, and it was not in the teacher's favor.

Estas falas condensam as múltiplas dimensões da precarização: remuneração inadequada, ausência de benefícios, instabilidade de renda e assimetria contratual. A comparação com empregos não qualificados evidencia a desvalorização extrema do trabalho docente nas plataformas, e a degradação das profissões no neoliberalismo.

Os achados desta subcategoria de análise corroboram as teses de Antunes (2020) sobre a reestruturação produtiva do capitalismo contemporâneo e de Standing (2014) sobre a formação do precariado como nova classe social. A subcategoria demonstra como a

flexibilização, longe de representar emancipação profissional, constitui-se como mecanismo sofisticado de exploração no capitalismo plataformizado.

Subcategoria 1.3: Autonomia e Controle

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela a complexa dialética entre autonomia e controle no trabalho docente mediado por plataformas digitais, demonstrando como os mecanismos de regulação coexistem com espaços limitados de agência profissional. Os relatos evidenciam o paradoxo fundamental da uberização do ensino, onde a promessa de liberdade encobre formas sutis de dominação laboral.

Entrevista 02 Murilo:

- "se por exemplo se eu trabalhasse home office ia ser melhor ainda porque perto da família e tal sistema liberdade melhor não ter que pegar transporte é algo bem interessante muito muito muito melhor na minha concepção"

Esta fala revela a dimensão atrativa da autonomia espacial, destacando como a eliminação do deslocamento físico pode representar ganho de qualidade de vida. No entanto, a valorização da proximidade familiar e da liberdade de locomoção mascara a ausência de questionamento sobre outras formas de controle inerentes ao modelo.

Entrevista 04 Solange

- "Hoje eu posso criar, eu criei curso, eu trabalho com a carga horária menos, menor, eu tenho uma clientela nichada, eu fechei a minha clientela, olha, meu nicho é esse, eu escolho os meus clientes e eles me escolhem, né?"

Este depoimento ilustra uma estratégia de resistência através da especialização e seleção de clientes. Após abandonar as instituições de ensino tradicionais, a professora demonstra ter desenvolvido mecanismos para recuperar uma parcela de controle sobre seu trabalho, embora permaneça submetida às estruturas de mercado. A ênfase na reciprocidade da escolha ("eu escolho os meus clientes e eles me escolhem") revela tentativa de reequilibrar a relação de poder com os alunos, tradicionalmente assimétrica nas escolas.

Entrevista 03 Daria:

- "Because it's difficult to monitor, you know, to monitor online lessons when you have your own lesson, and you don't know what's happening there. That's the thing."
- "But now online, it's more difficult to monitor, you know, to see how the lesson is going and… yep. So it's kinda… yeah, control freak. I'm just… yep. It's difficult to… yep, to trust that people will do good work."

Esta fala evidencia a tensão entre autonomia e supervisão tanto no ensino presencial como no remoto. Daria fala a partir de sua posição como dona da escola, ela expressa seu desconforto com o aumento da autonomia dos professores contratados por sua escola com o advento do ensino online durante a pandemia e reconhece a perda de capacidade de monitoramento direto. Fica claro que o controle e monitoramento de trabalhadores não é novidade, mas com o advento de inovações tecnológicas, pequenas empresas como a escola de idiomas de Daria não conseguem competir com os recursos tecnológicos de grandes plataformas digitais. O ambiente das plataformas digitais remove a figura do patrão, ou do chefe. O monitoramento passa a ser algorítmico, esse fenômeno imbui no trabalhador uberizado um senso de autodisciplina e auto vigilância (Braga, 2017).

Entrevista 05 Mary:

- "I wanted many times to be able to modify or update their materials, But I didn't have that freedom."
- "They their method is patented. It's the way they do things. It's what has worked for them for 40 years, and it's what they sell to the clients. So, no, there is no flexibility."

Estes trechos demonstram como a autonomia pedagógica é limitada por protocolos padronizados da mercantilização da educação. A impossibilidade de adaptar materiais revela o conflito entre expertise docente e lógica empresarial, onde a uniformização do produto se sobrepõe às necessidades específicas de ensino-aprendizagem subjetivas.

Entrevista 06 Sarah:

- "They don't wanna give you a lot of these companies a decent hourly wage unless you're taking on a ton of students, and that just is not feasible long term."
- "If you're going to make people be a freelancer, you shouldn't be able to dictate when they can take time off or how much time they can miss because that's technically illegal in most countries."

Estas falas expõem a contradição fundamental no modelo das plataformas: a exigência de disponibilidade e produtividade típica do regime de emprego formal, combinada com a ausência de direitos e proteções características do trabalho autônomo. Esta hibridização representa uma forma contemporânea de exploração que burla legislações trabalhistas.

Os achados desta categoria de análise corroboram as indicações de Abílio (2020) sobre a uberização como forma contemporânea de gestão do trabalho e de Harvey (2014) sobre as contradições do neoliberalismo. A subcategoria demonstra como a autonomia no trabalho plataformizado constitui-se como ilusão funcional ao sistema, servindo mais como discurso legitimador do que como realidade concreta das relações laborais.

Categoria 2. Relações de Trabalho e Mercado

Esta categoria explora como a uberização redefine as dinâmicas laborais e mercadológicas no ensino de idiomas, intensificando a concorrência, a mercantilização do trabalho e as tensões entre o global e o local. Os depoimentos dos participantes revelam contradições inerentes ao neoliberalismo.

Subcategoria 2.1: Concorrência e Individualismo

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela como a lógica competitiva das plataformas digitais reconfigura as relações entre docentes de idiomas, transformando colegas em concorrentes e exacerbando o individualismo como estratégia de sobrevivência profissional. Os relatos evidenciam que a ausência de solidariedade de classe se torna característica estrutural do trabalho plataformizado.

Entrevista 02 Murilo:

- "o professor tem que esperar também, tipo que eu falo, concorrência, ela vai acabar sendo sendo maior [...] talvez você não faz isso mas seu concorrente vai estar fazendo"

Murilo fala sobre as táticas de fidelização de clientes e as estratégias de marketing adotadas por professores em mídias sociais. Esta fala demonstra a internalização da lógica competitiva como norma incontornável, onde a pressão por diferenciação gera uma corrida sem fim por vantagens comparativas. O uso do termo "concorrente" para se referir a outros docentes revela a mercantilização das relações profissionais.

Entrevista 03 Daria:

- "No. Because, there are, well, there are a lot of, yep, a lot of people who teach online, and there are a lot of people who teach English. But they, mostly… they're interested in quantity rather than quality. Mhmm. And I'm focused on quality."
- “We have a big language school here, online language school, and they have a huge marketing, I think, team and whatever. So everyone knows about them, but they pay their teachers, or would you say $3.3 an hour. Oh my god. Who do you think will work for this money? [...] Quantity. They don't care. Quantity. Yeah. So I just think they are making a lot of money. They have a lot of students”

Ao ser perguntada sobre a concorrência massificada, Daria aponta a qualidade do seu trabalho como um diferencial que a coloca em uma outra categoria e portanto não considera que outras plataformas de ensino ou outros professores representem concorrência para ela. Estes trechos expõem a dicotomia entre duas estratégias de atuação: a precarização massificada versus a especialização qualificada. A crítica às escolas que pagam US$ 3,3 por hora revela como a concorrência desregulada gera uma corrida onde a redução de custos se sobrepõe à qualidade educacional.

Entrevista 04 Solange

- "Não, não são concorrentes. Porque quem está aqui está muito bem estruturado. E a aula em si, muitas pessoas não gostam de plataforma, entendeu?"
- "Eu trabalho só, né Clayton? Eu sempre vou ter teto, né? Eu vou ter teto aí de doze treze alunos, cada um pegando duas três aulas se quiser. Então não é concorrência por isso."

Assim como Daria, Solange revela uma estratégia de distinção que nega a competição direta. E ainda adiciona a evidência de suas limitações físicas e materiais por ser um apenas uma pessoa que assume não apenas o ensino como também todas as funções administrativas e pedagógicas. O número de alunos é limitado a um teto muito restrito. No entanto, a autoconfiança na clientela limitada pode mascarar uma subestimação da instabilidade inerente ao modelo precarizado.

Entrevista 05 Mary:

- "They started me at €22 an hour And which was considerable for me, I thought, because, when I was working with IH Dublin, they were paying me, 18.50 per hour. So it was a… a sizable increase. However, after being in the market for a while, I realized that I was being underpaid, particularly in Europe. Ireland is a very expensive country. Europe is expensive [...] they increased me from 22 to 23 euros per hour, which I found a bit insulting [...] My goal is a minimum of €50 an hour for what I teach."
- The challenge is that the market is so much bigger. You know? In order to reach that market, you have to be savvy with the Internet and all of these other skills that are not necessarily related to language teaching.

Este trecho ilustra como a desvalorização profissional do trabalhador uberizado reconfigura as expectativas salariais, criando tensões entre custo de vida local e parâmetros globais. A necessidade de desenvolver habilidades não-pedagógicas ("savvy with the Internet") para se destacar no mercado revela a expansão das exigências profissionais no capitalismo plataformizado e da lógica do empreendedorismo Neoliberal.

Entrevista 06 Sarah:

- "I do, and I feel like there's too many bad players in the field. And they are influencing the companies that were actually treating their… their teachers properly and paying a somewhat decent wage to change their structure."
- "I just feel like every day there's, like, all these new little companies popping up [...] And so they're targeting places like the Philippines, like Taiwan, where the people will take really low wages. And it's not just for teachers. It's everything online right now, and they're really exploiting the people in those countries is what I've noticed, because they know that they'll take that money and, and do the work. It's not the teachers that they want because they're not native English speakers, but, again, it's the current market right now, is just… they don't… they don't care as much about the product as they do the profit."

Estas falas condensam a crítica à concorrência predatória que caracteriza o capitalismo de plataforma. A exploração de assimetrias regionais e a priorização do lucro sobre a qualidade educacional revelam como a competição desregulada corrói padrões profissionais e salariais.

Conforme ilustrado por Gonsales (2020), o ambiente de alta competição inibe o desenvolvimento de uma consciência de classe e a organização coletiva.

Subcategoria 2.2: Mercantilização do Trabalho

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela o processo de transformação da atividade docente em *commodity*, onde relações pedagógicas são reduzidas a transações mercantis. Os relatos evidenciam a conversão da educação em bem de consumo, com profundas implicações para a identidade profissional dos professores.

Entrevista 01 Jonas:

- "Então a pessoa vira tanto produto que a gente não sabe o nome do moço que é do Small Advantages. Ele… ele é o arroba dele, sabe? Então assim, não tem… não tem ideia, sabe? E qual que é a formação dele e tudo? Eu sei que ele é de fora mas nem sei de qual lugar que ele é, não sei se ele é dos Estados Unidos, da Inglaterra sei lá. Enfim, é isso ele ele virou produto e assim muito bem vendido claro, muita gente acessa, muita gente vê, eu seguia ele até pouco tempo e tudo então assim, está dando certo mas quem é, sabe essa pessoa, né? por detrás da tela, né?"

Neste momento da entrevista os participantes dialogavam sobre a atuação de professores em mídias sociais como forma de autopromoção e estratégias de marketing para captação de novos alunos. Foi questionada a legitimidade desse tipo de promoção que se afasta muito da imagem tradicional do trabalho docente. Durante a conversa foi citado como exemplo um professor/influenciador digital estadunidense muito famoso nas redes sociais e dono de um canal no YouTube. Entretanto, os participantes não conseguiram lembrar do seu nome, somente a marca do seu canal no YouTube. Este trecho ilustra o trabalho docente, onde o professor se transforma em marca (ele é o arroba dele) divorciada de sua identidade e qualificações. A ênfase no sucesso comercial ("muito bem vendido") em detrimento da dimensão pedagógica revela a primazia do valor de consumo sobre o valor pedagógico na educação precarizada. Embora não seja o foco do presente estudo, esses professores/influenciadores digitais de inglês, ainda que não trabalhem dando aulas em plataformas educacionais online, também fazem parte do precariado, como evidenciado por sua falta de direitos trabalhistas e sua instabilidade laboral.

Entrevista 02 Murilo:

- "Eu acho que… pera, sem dúvida! Quero ser sincero, porque é… por exemplo, infelizmente, isso é um ponto que eu nunca tinha parado para pensar, mas infelizmente, porque a pessoa, ela acaba que entra numa plataforma dessa para escolher serviço da mesma forma como se eu tivesse escolhendo um produto"

Aqui Murilo descreve o funcionamento das plataformas que oferecem serviços de ensino online. Ao ser perguntado: "Você acha que aí o profissional vira produto de consumo?" Murilo tem um *insight* e rapidamente chega à conclusão que as plataformas de ensino funcionam da mesma maneira que um *marketplace*. Esta fala demonstra a consciência crítica sobre a metamorfose do docente em item de catálogo, onde a seleção por alunos se assemelha à escolha de bens de consumo.

Entrevista 03 Daria:

- "I'm more of a quality person, and once people realize that, they're not going anywhere. That's the thing. But, yep, there are people who cost less. There are people who offer, I don't know, the schedule that well, I don't know. Like, you can choose any date, anytime. You can change whenever, wherever. But, yeah, that wouldn't be me."

Este depoimento revela a bifurcação do mercado entre docentes-commodity (baixo custo, alta flexibilidade) e docentes-marca (qualidade, fidelização). A professora estabelece conscientemente sua posição neste espectro, apontando a qualidade de seu trabalho como estratégia de diferenciação no mercado.

Entrevista 05 Mary:

- So it's re you it's comes down to marketing, Showing that client that you are worth that 35 euros or more than somebody in South Africa who may be equally as educated.
- I have decided that I am not going down the route of producing lots and lots and lots of free content because many people go online, go to YouTube, go to Instagram just looking for free lessons. And so they will never pay you. They… they just want free things. So… and I don't have the time.

Estes trechos indicam a necessidade de autopromoção como condição para valoração justa, caracterizando um tipo de auto exposição compulsória. Assim como discutido anteriormente o processo de mercantilização do trabalhador transforma o docente em marca ou produto a ser divulgado na internet e nas redes sociais, e consequentemente consumido por seus alunos. A

recusa em produzir conteúdo gratuito representa resistência à economia da atenção que domina as plataformas digitais, e reflete a fala de Murilo em trecho anterior (“mas seu concorrente vai estar fazendo”) quando refletia sobre as estratégias de concorrência entre professores online.

Entrevista 06 Sarah:

- The teachers are products. Teachers are products. Producing a profit for these platforms.
- "They only wanna pay you, like, a dollar or 2 for a 30-minute lesson. They’re not providing the lesson plan. They’re only paying you when you’re actively teaching."

Estas falas condensam a crítica marxista à exploração no capitalismo: os docentes tornam-se "produtos" que geram mais-valia para as plataformas, enquanto são remunerados apenas pelo tempo de aula efetivo. A ausência de pagamento pelo planejamento pedagógico exemplifica um tipo de versão renovada do pagamento por produção industrial típico da primeira revolução industrial.

Estes achados corroboram as análises do referencial teórico sobre o neoliberalismo na educação e sobre as novas formas de exploração do trabalho imaterial (Antunes, 2020). A subcategoria demonstra como a precarização realiza de forma extrema a mercantilização da atividade docente (Gray; Block, 2012), com profundas consequências para a identidade profissional e qualidade do ensino.

Subcategoria 2.3: Mercado Global e Local

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela as complexas dinâmicas entre escalas global e local no mercado de ensino de idiomas precarizado, demonstrando como a desterritorialização do trabalho docente gera simultaneamente oportunidades e novas formas de desigualdade que reproduz e amplifica desigualdades pré-existentes.

Entrevista 01 Camila:

- "A gente tem isso muito forte no Brasil, de pagar muito mais pra professor nativo daquela língua que não tem formação, do que professor que é formado."

Esta fala revela como a globalização do mercado educacional reforça estereótipos coloniais, onde a legitimidade linguística permanece associada a origens geográficas específicas, desvalorizando a formação acadêmica local.

Entrevista 02 Murilo:

- "pensando ambiente online você não tá mais concorrendo só com… só com as pessoas da sua região, está concorrendo com diversas pessoas do Brasil, até às vezes do mundo"

O trecho demonstra a consciência da transformação do mercado em arena global, onde as fronteiras nacionais deixam de delimitar a concorrência profissional.

Entrevista 03 Daria:

- "Because thanks to online, actually, I have lessons with students from other countries. Like, we did lessons with students from Brazil, from Argentina, from Spain, Italy, Croatia. Like, my teenagers, teenagers from other countries, and they talk, they discuss stuff, then they keep in touch, They communicate."

Esta perspectiva positiva sobre a interconexão global revela o potencial das plataformas para criar comunidades onde a aprendizagem se associa ao intercâmbio cultural internacional. Contudo, o relato não problematiza as assimetrias econômicas subjacentes a estas interações.

Entrevista 04 Solange

- você pensa, você pode dar aula no mundo inteiro. O mundo agora realmente é uma aldeia pra nós professores, né? E enfim, eu acho fantástico, financeiramente, né, em relação a segurança, você não precisa sair da sua casa, né?

A metáfora da "aldeia global" aplicada ao trabalho docente revela a internalização do discurso neoliberal (Harvey, 2014) sem críticas, que celebra a desterritorialização sem considerar seus efeitos desiguais. A ênfase na segurança e comodidade mascara os desafios da concorrência transnacional.

Entrevista 05 Mary:

- “I think working online is great. I… even though I would love to move back into the classroom setting, that is too limiting in terms of income [...] there is no big demand in my little town for English speakers, English language teaching [...] I live in a very expensive country. My husband and I are paying 52% income tax. So in order for me to… to live comfortably, I can't charge any less than 30 or €40 per hour. But I am competing against somebody in South Africa who's charging €5 or somebody who's in India charging €2 or €3. So that is a challenge within this international, in this global market.”

Este depoimento sintetiza o paradoxo central da globalização educacional: enquanto possibilita acesso a mercados ampliados, cria condições de concorrência insustentáveis devido às disparidades econômicas regionais. A situação descrita ilustra a concorrência desleal na economia globalizada.

Entrevista 06 Sarah:

- the very thing that attracted me was, you know, the fact that you can work globally is also working against teachers right now because they can go to countries where people are used to making, like, 2 or $3 an hour, and they will happily take a job paying $5 an hour versus somebody from the US that is used to making, like, 12 to 15, at least.

Esta fala revela como a mobilidade laboral digital intensifica uma “corrida para o fundo do poço” (*race to the bottom*) em termos salariais e condições de trabalho com plataformas explorando assimetrias regionais para maximizar lucros. Assim como no caso exemplificado no trecho anterior, pela participante Mary.

Estes achados demonstram as contradições da globalização e a persistência de estruturas coloniais. A subcategoria demonstra como a desterritorialização do trabalho docente gera simultaneamente conexões culturais e novas formas de exploração econômica na ausência de regulamentações transnacionais para garantir equidade no mercado global de educação. Enquanto os participantes localizados no sul-global celebram as possibilidades internacionais, as participantes do norte global identificam as disparidades inerentes ao mercado global.

Categoria 3. Estratégias e Perspectivas

Esta categoria explora como os docentes de idiomas se adaptam, resistem e projetam seu futuro diante da precarização, articulando estratégias individuais e coletivas. Os depoimentos revelam tanto a resiliência, quanto as limitações impostas pelo modelo de ensino precarizado online.

Subcategoria 3.1: Adaptação e Resistência

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela um repertório multifacetado de estratégias desenvolvidas pelos docentes para enfrentar os desafios da uberização e precarização do ensino de idiomas. Os relatos evidenciam o embate entre acomodação e oposição ao modelo de precarização digital.

Entrevista 01 Camila:

- "E eu não pretendo também mais rebaixar o meu… o meu trabalho ou o valor da minha aula por causa disso, eu acho que se o aluno quiser e se interessar, né, vai… vai surgir, claro, não… não é a minha ideia trabalhar com esse formato de aula particular também, eu gosto muito de estar na escola, e eu sei que talvez possam ter também escolas, né, que vão olhar pra esse professor e vai falar: “olha, eu vou vou dar a chance” e tudo, mas, enfim, é risco que… que, né, que eu vou correr. Eu acho que eu não vou ficar me matando, me esforçando demais pra isso. Assim, eu tenho vontade de ir pra fora, mas eu vou fazer isso, eu vou me esforçar pra isso porque eu quero, não pra poder, sabe? Ficar mais visível no mercado de trabalho em comparação a outro professor."

A jovem professora, neste trecho, revela uma estratégia dupla: por um lado, a recusa em desvalorizar seu trabalho; por outro, a manutenção do vínculo com instituições escolares tradicionais como forma de resistência. Entretanto, ela percebe uma vulnerabilidade nessa posição (“é um risco que eu vou correr”) se a escola buscar favorecer o docente precarizado que se sujeita a trabalhar por valores mais baixos.

Além disso, seu desejo de "ir pra fora" pode indicar uma contradição: enquanto rejeita as pressões mercadológicas, ela ainda parece idealizar uma mobilidade profissional internacional que pode estar associada a um imaginário colonial, que muitas vezes reforça hierarquias linguísticas globais no ensino de idiomas. Essa dualidade ilustra os desafios enfrentados pelos

docentes em um contexto onde a busca por autonomia e estabilidade profissional coexiste com perspectivas marcadas por aspirações de lógicas neoliberais e colonizadoras.

Entrevista 03 Daria:

- "Well, those are mostly colleagues I met during my, like, teacher courses. I did offline in London or people I met during different conferences in the UK or the online courses I… I did and I do. Right? The one we met at. Yep. That would be that."
- "Well, it is important. It is important, yep, to talk to someone who understands what you're going through, to ask for advice or to ask for some ideas, right? When you're stuck."

Estes depoimentos ilustram como a construção de redes informais de apoio funciona como mecanismo de resistência à alienação do trabalho precarizado. A valorização do diálogo entre pares ilustra a importância da organização coletiva para enfrentar a precarização.

Entrevista 04 Solange

- "Eu aprendi a lidar com as finanças e principalmente aprendi a lidar com o outro, porque ainda chega aluno que tem essa mentalidade: ‘estou pagando’, né?"
- "Mas hoje eu tenho trocas melhores, por exemplo eu troco ideia com você [...] professor de cursinho que eu já trabalhei, gente gabaritada [...] no início eu ia muito no meu ex gestor [...] Então assim, eu sempre busco, eu não tenho, assim, eu tenho onde recorrer [...] mas eu sempre busco, entendeu?"

Estas falas demonstram um processo de adaptação crítica, onde o desenvolvimento de habilidades de gestão e de valorização pessoal serve como forma de resistência à mercantilização das relações pedagógicas. As falas demonstram também a criação informal de redes de apoio profissionais em um ambiente marcado pela falta de estabilidade e seguridade social formais.

Entrevista 05 Mary:

- I've had no issues with working with Zoom. What I find is isolation was a bit of a challenge. I'm sitting here, in my desk, in my office. So it's, you feel isolated. Now what I have done, I have joined organizations. I've joined a small business group. I've joined a women in business group. I've joined the Chamber of Commerce. And these

organizations offer socials where you meet other small business owners or other people who work from home. And, and that has been the, that has helped a lot because one big thing I did miss was staff room camaraderie. When I used to teach in the schools, I really enjoyed meeting with my colleagues for a cup of tea or to talk about the day. And I miss that a lot, not having that staff room interaction.

- I've not joined many teaching organizations [...] I joined IATEFL 3 years ago, and I find it fantastic. [...] it's been a wonderful support. ELT Ireland, I'm a member of that organization [...] I think it's very important, particularly as a new… new to English teaching. Mhmm. I've learned a lot just monitoring the chats in these webinars. People share people are so generous to share strategies or websites or resources.

Estes relatos revelam uma estratégia de resistência, o enfrentamento ativo do isolamento através da participação em diversas organizações sociais de apoio, além da manutenção de vínculos com associações profissionais voltadas para professores de inglês como língua estrangeira. Esta abordagem ilustra uma tática de sobrevivência no trabalho precarizado.

Entrevista 06 Sarah:

- I think it's getting more more and more people are actually helping each the teachers, because everybody's sick of not having that information and taking a job, and then you're like, what the heck? This isn't what I thought it was gonna be. So I know, like, when I joined those online groups, a lot of people on there will publicly start calling out companies like, don't work for them. They did x, y, and z with me. They wouldn't let me take my vacation even though I told them in the beginning."
- "I think a support group would be great even, you know, when you’re frustrated. Just to be able to, like, vent to somebody would be nice."

Estas falas evidenciam o surgimento de formas embrionárias de resistência coletiva no ambiente digital, onde o compartilhamento de experiências negativas funciona como mecanismo de proteção mútua.

Estes achados da subcategoria demonstram como os docentes desenvolvem táticas criativas para enfrentar os desafios da uberização, ainda que dentro dos limites logísticos e materiais impostos pela estrutura do mercado precarizado digital.

Subcategoria 3.2: Futuro da Profissão

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela um cenário plural de expectativas e projeções sobre o destino do ensino de idiomas no contexto da precarização do trabalho docente, demonstrando tanto visões críticas quanto adaptação em relação às transformações em curso atualmente.

Entrevista 02 Murilo:

- "num futuro assim, eu pessoalmente ainda não consigo me pegar dando aulas online eu acho que eu preferiria ter tudo presencial"

Esta fala de Murilo revela uma resistência à pressão para atuar no ambiente digital, mantendo a valorização do espaço físico tradicional de ensino. A preferência por modelos tradicionais de ensino como forma de resistência à uberização do trabalho docente foi citada anteriormente por Camila, mas as experiências relatadas pelas professoras mais experientes demonstram que a precarização docente não ocorre somente no ambiente digital das plataformas, embora a tecnologia intensifique-a.

Entrevista 02 Ana:

- "Eu acho que entrar na na vida acadêmica né, na área acadêmica [...] pra ganhar dinheiro e pra ter o prestígio que que eu pretendo ter"

O depoimento ilustra a perspectiva de Ana trabalhar no meio acadêmico, como servidora pública, como uma forma de resistir e escapar das pressões do mercado de trabalho.

Entrevista 03 Daria:

- "I think online will be… will be growing. I think more and more people will understand the convenience of online because, well, it depends actually on the place the person is in."
- "And artificial intelligence won't be good for teaching. Anyways, it will be good help, but they can't replace teachers, I think. Mm-mm. That's just impossible."

Estes trechos revelam uma postura que combina aceitação da expansão do digital com manutenção da centralidade do docente. A conveniência do ensino online aparece como um fator central para a expansão do mercado.

Entrevista 06 Sarah:

- We've been seeing it where these companies tend to go out of business, and some of the bigger ones kinda stay in business. My fear is that these bigger ones keep lowering their pay rate. They keep making things more difficult. And so I don't know how… when those two things are gonna kind of even out. I think the market still has a little ways to go in this field before the companies say, okay. That's enough. We still need to pay enough to have a… a decent teacher here.

Esta fala demonstra uma visão crítica sobre a dinâmica predatória do mercado, antevendo um cenário de precarização crescente, e a espiral descendente nas condições do precariado.

A subcategoria demonstra como o futuro da docência em idiomas se apresenta como campo de disputa entre diferentes projetos e lógicas de atuação profissional. Por um lado docentes em formação imaginam formas de evitar cair na lógica da uberização profissional, por outro lado os professores mais experientes anteveem a expansão e aprofundamento das condições de trabalho adversas devido a fatores como conveniência e práticas predatórias em curso.

Subcategoria 3.3: Desenvolvimento Profissional

A análise dos depoimentos nesta subcategoria revela as estratégias de formação continuada adotadas pelos docentes frente às demandas da uberização, demonstrando como o desenvolvimento profissional se transforma em imperativo individual no contexto da precarização laboral.

Entrevista 01 Camila:

- "Eu tenho também interesse de entrar na na vida acadêmica, né? Eu acho que essa é a única forma como professora fazendo algo que eu gosto tanto de ser reconhecida de fato e de ganhar dinheiro, assim, não muito, mas em vista do que eu ganho hoje, do que a maioria dos outros professores ganham, salário de professor universitário é algo muito muito maior, eu vou conseguir fazer muitas coisas com com as quais eu não vou conseguir fazer com o salário que eu tenho hoje, então assim, e é o prestígio também."

Este trecho revela a percepção da carreira acadêmica como espaço de prestígio, valorização profissional e econômica, contrastando com a precariedade do ensino básico. A fala ilustra uma estratégia de escape através da qualificação e da especialização.

Entrevista 04 Solange

- [...] demanda mais é que eu compro por fora, são os livros, né? Livro que eu comprei esse ano duzentos reais, né? De The Bilingual Brain, você lembra desse livro? Eu comprei. Então é mais, eu invisto mais em curso, entendeu?

O depoimento exemplifica a absorção dos custos de formação em que o docente assume integralmente a responsabilidade por sua formação continuada profissional. Em um ambiente altamente competitivo a realização de cursos e obtenção de certificados pode ser considerado um diferencial competitivo em favor do docente.

Entrevista 05 Mary:

- “where I was in the Bahamas, working all those years in the schools and in the university, Professional development was at my own expense. We were expected to do professional development, but we did not have… we weren't paid to do it, and we weren't given resources to pay for it. And teachers' salaries are already very low”
- “I still have in my mind, I'm going to do that PhD.”

Estes trechos revelam que a contradição entre a exigência de desenvolvimento permanente e a ausência de suporte institucional já existiam no contexto tradicional de ensino. A persistência no projeto de doutorado demonstra a crença na qualificação como via de superação da precariedade.

Entrevista 06 Sarah:

- "They should actively be pushing people to grow and learn new things because it just makes them look better."

Esta fala explicita o conflito entre interesses individuais dos docentes e lógica das empresas, onde o desenvolvimento profissional não é incentivado apesar de beneficiar as empresas. A expressão “*makes them look better*” parece indicar um viés mais interessado na percepção do público do que na qualidade docente de fato, um benefício publicitário e não pedagógico.

A subcategoria demonstra como o desenvolvimento profissional se torna simultaneamente imperativo e desafio no contexto da uberização do ensino, onde a formação continuada persiste como valor, mas é desvinculada de estruturas de apoio.

A análise dos depoimentos desta seção revela como as condições concretas de trabalho nas plataformas digitais materializam os processos teóricos discutidos no referencial teórico. Os

relatos dos professores confirmam a tese de Standing (2014) sobre a formação do precariado, evidenciando a instabilidade laboral, a ausência de proteções sociais e a internalização da autoexploração, elementos centrais da precarização no capitalismo contemporâneo. Como previsto por Antunes (2020), a suposta autonomia nas plataformas converteu-se em controle algorítmico e disponibilidade permanente, enquanto a mercantilização do trabalho docente (Block; Gray; Holborow, 2012) manifesta-se na transformação dos professores em "produtos" avaliados por métricas de desempenho. As contradições apontadas no referencial teórico entre flexibilidade e precariedade, e entre globalização e desigualdades regionais, emergem com clareza nas narrativas analisadas, demonstrando que a plataformização do ensino de idiomas opera como um mecanismo sofisticado de precarização que reconfigura, mas não supera, as assimetrias históricas do mercado de trabalho.

4.2 Discussão dos resultados à luz do referencial teórico

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a uberização do trabalho docente no ensino de idiomas é um fenômeno complexo, marcado por contradições que refletem as dinâmicas do capitalismo neoliberal e da economia digital. A análise das entrevistas revelou que os professores enfrentam desafios como a precarização, a perda de autonomia e a intensificação da concorrência, ao mesmo tempo em que buscam estratégias de adaptação e resistência. Esses achados dialogam diretamente com o referencial teórico apresentado, permitindo uma compreensão mais profunda do fenômeno em curso.

Os depoimentos dos participantes confirmam que professores de idiomas são profissionais que pertencem a essa classe de profissionais precarizados. De acordo com as proposições de Antunes (2020) e Standing (2014) sobre a formação do precariado como uma nova classe social caracterizada pela instabilidade laboral e ausência de direitos trabalhistas. A transferência de riscos e custos para os professores, como a necessidade de investir em equipamentos e materiais sem contrapartida das plataformas, ilustra a lógica da uberização descrita por Abílio (2020) e Antunes (2020). Essa dinâmica é agravada pela remuneração por hora-aula, que desconsidera o tempo dedicado à preparação de aulas, ao planejamento pedagógico e à formação continuada, reforçando a exploração do trabalho imaterial no capitalismo contemporâneo (Harvey, 2014).

A flexibilidade, frequentemente celebrada pelos participantes que informam a pesquisa como vantagem do trabalho em plataformas, mostrou-se uma faca de dois gumes. Como destacado

por Daria e Solange, a possibilidade de trabalhar em qualquer lugar e horário transformou-se em disponibilidade permanente, confundindo os limites entre a vida pessoal e profissional. Essa ilusão da autonomia é um mecanismo central da uberização, que substitui o controle direto pelo patrão por uma auto exploração guiada por imposições do mercado (Abílio, 2020).

A mercantilização do trabalho docente, analisada por Block, Gray e Holborow (2012), manifestou-se claramente nos relatos dos participantes. Murilo e Sarah descreveram como professores são transformados em "produtos" nas plataformas, onde sua visibilidade e remuneração dependem de avaliações e algoritmos. Essa dinâmica reforça a crítica de Harvey (2014) à transformação do trabalho em mercadoria, agora mediada por tecnologias digitais.

A concorrência global, por sua vez, exacerbou desigualdades históricas. Professores de países periféricos, como destacado por Mary e Sarah, competem com colegas de regiões onde o custo de vida é significativamente maior, criando uma competição agressiva para reduzir custos que tem um efeito negativo para todos os envolvidos em termos salariais. Essa realidade reflete a colonialidade do saber (Quijano, 2005), onde hierarquias linguísticas e econômicas são reproduzidas no mercado digital, afastando e opondo profissionais qualificados do Norte e do Sul global.

Apesar das condições adversas, os professores desenvolveram estratégias para resistir à precarização. A especialização (como no caso de Daria) e a construção de redes informais de apoio (como mencionado por Mary e Solange) são exemplos de táticas para recuperar autonomia e solidariedade em um ambiente marcado pelo individualismo. Essas ações ecoam as proposições de Standing (2014) sobre a necessidade de políticas sociais para enfrentar a insegurança laboral.

As estratégias de resistência individuais têm limitações. Como apontado por Camila e Jonas, a busca por vínculos institucionais tradicionais (como escolas ou universidades) ou por qualificação acadêmica reflete uma tentativa de escapar da uberização. Contudo, as experiências de Solange e Mary também revelam a falta de alternativas coletivas eficazes no cenário atual, em ambos os casos as professoras se afastaram de instituições de ensino tradicionais (escolas e universidades) e buscaram o empreendedorismo individual ao mesmo tempo que tentam estabelecer redes de apoio e suporte informais.

Os resultados demonstram que a uberização não apenas precariza as condições de trabalho, mas também impacta a qualidade do ensino. A padronização de materiais e métodos, criticada

por Mary, e a pressão por resultados rápidos, relatada por Sarah, reduzem o espaço para práticas pedagógicas críticas e contextualizadas. Essa tendência corrobora a análise de Gray (2012) sobre a instrumentalização do ensino de idiomas no neoliberalismo, onde a educação é reduzida a um serviço transacionável. Deixa de ser um elemento de formação pessoal e promotor de justiça social para se tornar *commodity* do capital.

Em síntese, a discussão revela que a uberização do ensino de idiomas é um fenômeno multifacetado, enraizado nas transformações do capitalismo neoliberal e intensificado pela plataformização do trabalho. Os professores, embora resistam de formas criativas, enfrentam desafios estruturais que exigem respostas coletivas e políticas públicas. A pesquisa confirma a relevância do referencial teórico para entender essas dinâmicas, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de estudos futuros que explorem caminhos de superação da precarização. Essas conclusões levam à reflexão final, na qual retomamos os objetivos iniciais para propor recomendações políticas e apontar caminhos futuros de pesquisa.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa investigou os desafios e perspectivas enfrentados pelos docentes de idiomas no contexto da precarização do mercado de trabalho, destacando as transformações promovidas pela uberização e suas implicações para a profissão. Os resultados revelaram um cenário marcado por contradições: enquanto as plataformas digitais oferecem flexibilidade e acesso a um mercado global, elas também intensificam a precarização, a instabilidade laboral e a mercantilização do trabalho docente.

Os professores participantes desta pesquisa relataram experiências que ilustram a instabilidade laboral, a transferência de riscos e custos para os trabalhadores, a falta de garantias trabalhistas e a pressão por adaptação constante. A autonomia prometida pelas plataformas mostrou-se, em muitos casos, uma ilusão, já que os docentes enfrentam mecanismos sutis de controle. Além disso, a concorrência global exacerbou desigualdades, com profissionais de regiões economicamente vulneráveis sendo explorados por salários aviltantes.

Das quatros professoras em exercício participantes da pesquisa, três decidiram pelo caminho do empreendedorismo e montaram a sua própria micro escola de idiomas individual, o que revela a influência de um pensamento neoliberal. Enquanto que Sarah abandonou o ensino para ser uma assistente pessoal virtual, outro trabalho precarizado. As professoras relataram

uma insatisfação com as práticas de exploração e precarização que já ocorriam antes do fenômeno da uberização, as experiências nas plataformas só fizeram exacerbar esse sentimento de exploração e precarização profissional. Sendo assim, recorreram ao empreendedorismo individual como alternativa.

Ficou evidente a partir do estudo realizado que o fenômeno da uberização do ensino de idiomas tem um profundo impacto nas vidas e condições de trabalho dos professores. As alternativas e formas de resistência encontradas individualmente para mitigar os efeitos nocivos da uberização não são suficientes para garantir um nível de bem-estar adequado aos professores. É possível concluir que soluções eficientes para garantir a proteção de direitos trabalhistas e justiça social só possam emergir de ações coletivas e políticas públicas amplas.

Ao encerrar esta pesquisa, reafirmo meu lugar de fala como professor-pesquisador que não apenas analisou, mas vivencia na pele os paradoxos da uberização docente. Se na introdução declarei meu compromisso com uma ciência engajada, agora concluo com a convicção de que a precarização no ensino de idiomas não é um destino inevitável, mas um projeto político que pode e deve ser confrontado. Minha experiência nas plataformas, entre a liberdade ilusória e a exploração real, fortaleceu em mim a certeza que a desregulamentação do trabalho docente é incompatível com educação de qualidade; que a resistência coletiva é urgente frente ao individualismo promovido pelas plataformas; e que os desafios enfrentados por professores uberizados é parte de um movimento maior por direitos na economia digital da indústria 4.0. Esta dissertação não é um ponto final, mas um instrumento de denúncia e um convite à ação, porque pesquisar o mundo, quando se está imerso em suas contradições, é sempre um ato político.

Limitações dos resultados pesquisa e implicações para futuras pesquisas

A presente pesquisa buscou revelar o caráter global dos fenômenos observados incluindo profissionais de diferentes países com níveis variados de vivências e experiências profissionais, apesar do número limitado de participantes. Não é o objetivo da presente pesquisa ser uma observação exaustiva do fenômeno da uberização dos professores de língua estrangeira.

Uma indicação interessante que pode se depreender dos resultados é que os professores parecem poder ser divididos em diferentes subgrupos ou categorias, de acordo com os níveis de uberização e precarização ao qual estão submetidos. Estudos futuros podem investigar se

existem níveis de precarização de acordo com o nível de formação educacional, e experiência de ensino dos participantes.

Professores com menos qualificação e menos experiência incluindo aqui aqueles sem nenhuma qualificação ou experiência podem se submeter mais facilmente às plataformas de ensino, como no caso da participante Sarah. Já os professores com mais experiência profissional e maior nível de formação podem buscar alternativas fora das grandes plataformas digitais de ensino. Contudo, a busca por alternativas ligadas ao empreendedorismo individual demonstra a persistência da mentalidade capitalista neoliberal

Futuras pesquisas podem focar em comparar e contrastar profissionais que têm experiências mais semelhantes, por exemplo incluir somente participantes que atuem em uma única determinada plataforma. Ou ainda incluir dois ou mais grupos de participantes divididos por níveis de experiência e formação.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek et al. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-56, maio/ago. 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/15174522-116484. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxwB/. Acesso em: 07/05/2025

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time**. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. [111-124].

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0**. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. [11-23].

BLOCK, David. **Economising globalisation and identity in applied linguistics in neoliberal times.** In: GRAY, John; BLOCK, David (Ed.). *Neoliberalism and Applied Linguistics*. London: Routledge, 2012. p. 56-85.

BLOCK, D.; GRAY, J.; HOLBOROW, M. **Neoliberalism and Applied Linguistics**. London: Routledge, 2012.

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski; SANTOS, Rodrigo Otávio dos; LOPES, Luís Fernando. Precarização do trabalho docente: plataformas de ensino no contexto da fábrica difusa. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 209-228, jan./abr. 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2024-5910. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cm/a/ZLQmXwj7qJxWrJk9JQJxWrJ/. Acesso em: 07/05/2025

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo.** In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 24-32.

GONSALES, Marco. **Indústria 4.0: empresas, plataformas, consentimento e resistência**. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. [125-137].

GRAY, John; BLOCK, David. **The marketisation of language teacher education and neoliberalism: characteristics, consequences and future prospects**. In: _____. *Neoliberalism and Applied Linguistics*. London: Routledge, 2012. p. [114-143].

GRAY, John. **Neoliberalism, celebrity and 'aspirational content' in English language teaching textbooks for the global market**. In: GRAY, John; BLOCK, David (Ed.). *Neoliberalism and Applied Linguistics*. London: Routledge, 2012. p. [86-113]

HARVEY, David. **Marx, capital and the madness of economic reason**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

HARVEY, David. **Para entender O Capital – Livro I**. Tradução de Rubens Enderle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 33-49.

LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos** In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. [8-23].

MOURA, Lívia Romero de; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes; AQUINO, Cássio Adriano Braz de. Do docente efetivo ao docente uberizado: a precarização contratual do professor no Brasil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 67-85, set./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.35699/2238-037X.2021.29404. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/29404. Acesso em: 07/05/2025

NETA, Abília Ana de Castro; CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto. Desenvolvimento profissional e precarização do trabalho docente: perspectivas e (des)continuidades. **RIAEE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 2067-2082, jul./set. 2021. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v16i3.14842 Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14842 . Acesso em: 02/05/2025.

PAIVA, Vera Menezes. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola. 2021.

PAIVA, Vera Menezes. **Pesquisa: projeto, geração de dados e divulgação**. 1ª ed. São Paulo: Parábola. 2024.

PENNYCOOK, Alastair. **English and the discourses of colonialism.** London: Routledge, 1998.

SANTOS, André Almeida. Formas e tendências de precarização do trabalho docente: o precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras [Resenha]. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 769-778, ago. 2022. DOI: http://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.47466. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363575510_Formas_e_tendencias_de_precarizacao_do_trabalho_docente_o_precariado_professoral_e_o_professorado_estavel-formal_nas_redes_publicas_brasileiras_Amanda_Moreira_da_Silva. Acesso em: 02/05/2025.

SCHINESTSCK, Clarissa Ribeiro. **As condições de trabalho em plataformas digitais sob o prisma do Direito Ambiental do Trabalho.** In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. [79-92].

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

SILVA, Amanda Moreira da. **Formas e tendências de precarização do trabalho docente**: o precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras. 1. ed. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, Amanda Moreira da. A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI. **Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 229-251, set./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.22409/tn.17i34.p38053. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/38053. Acesso em: 02/05/2025.

SILVA, Amanda Moreira da; MOTTA, Vânia Cardoso da. O precariado professoral e as tendências de precarização que atingem os docentes do setor público. **Roteiro**, Joaçaba, v. 44, n. 3, p. 1-20, set./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.18593/r.v44i3.20305. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/20305. Acesso em: 02/05/2025.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Tradução de Cristina Antunes. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Invenções Democráticas, v. IV).

STANDING, Guy. **Work after globalization**: building occupational citizenship. Cheltenham: Edward Elgar, 2009.

VENCO, Selma. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311X00207317. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csp/2019.v35suppl1/e00207317/. Acesso em: 02/05/2025.

VIEIRA, Maura Jeisper Fernandes; BRITES, Liara Saldanha; ROCHA, Cristianne Maria Famer. A uberização do trabalho docente: novos dilemas para velhos problemas. In: 9º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO; 6º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. Porto Alegre: UFRGS, 2022. p. [26-56]. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/674679294/A-uberizacao-do-trabalho-docente. Acesso em: 02/05/2025.

APÊNDICE 01 - O roteiro completo da entrevista:

1. **Apresentação inicial:**
    - Poderiam se apresentar brevemente e contar um pouco sobre sua experiência como professores de inglês online?
2. **Experiência com plataformas:**
    - Como vocês começaram a trabalhar em plataformas online de ensino de inglês?
    - Quais são as principais características dessas plataformas em termos de funcionamento e demanda de trabalho?
3. **Condições de trabalho:**
    - Como vocês descreveriam suas condições de trabalho (horário, remuneração, suporte técnico, etc.)?
    - Quais são os principais desafios que vocês enfrentam no dia a dia de trabalho nessas plataformas?
4. **Práticas pedagógicas:**
    - A dinâmica de trabalho nessas plataformas afeta suas práticas pedagógicas?
    - Que tipo de suporte pedagógico ou material didático vocês recebem das plataformas?
5. **Estratégias de adaptação:**
    - Quais estratégias vocês adotam para lidar com os desafios enfrentados no trabalho online?
    - Existe algum tipo de organização ou grupo de apoio entre os professores para enfrentar esses desafios?
6. **Resistência e organização:**
    - Vocês já participaram de alguma ação coletiva (como grupos de discussão, redes de apoio, etc.) para melhorar as condições de trabalho?
    - Quais mudanças vocês gostariam de ver implementadas nessas plataformas?
7. **Percepções sobre a profissão:**
    - Como vocês veem as transformações no mercado de trabalho de ensino de idiomas devido à uberização?
    - Quais são as principais oportunidades que vocês enxergam nesse modelo de trabalho?
8. **Expectativas futuras:**
    - Como vocês veem o futuro da profissão de docente de idiomas?
    - O que esperam em termos de evolução das condições de trabalho e práticas pedagógicas?
9. **Recomendações para melhorias:**
    - Que tipo de políticas e práticas educacionais vocês acreditam que poderiam promover melhores condições de trabalho para os professores de idiomas?
    - Que sugestões vocês dariam para garantir a qualidade do ensino de idiomas em um contexto cada vez mais digitalizado e globalizado?
10. **Considerações finais:**
    - Há algum outro aspecto que vocês consideram importante mencionar sobre suas experiências e percepções que não foi abordado nas perguntas anteriores?